

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**CAROLINA STEINER SARTOR**

**A ESCOLA ÉTNICA ALEMÃ DE FORQUILHINHA (SC) E OS PRIMEIROS  
PROFESSORES: LEMBRANÇAS DE EX-ALUNAS (1915-1940).**

**CRICIÚMA, JULHO DE 2011**

**CAROLINA STEINER SARTOR**

**A ESCOLA ÉTNICA ALEMÃ DE FORQUILHINHA (SC) E OS PRIMEIROS  
PROFESSORES: LEMBRANÇAS DE EX-ALUNAS (1915-1940).**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para  
obtenção do grau de Licenciatura no curso de Pedagogia  
da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Giani Rabelo

**CRICIÚMA, JULHO DE 2011**

**CAROLINA STEINER SARTOR**

**A ESCOLA ÉTNICA ALEMÃ DE FORQUILHINHA (SC) E OS PRIMEIROS  
PROFESSORES: LEMBRANÇAS DE EX-ALUNAS (1915 - 1940).**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de pesquisa em Pesquisa em Educação, Cultura e Ambiente.

Criciúma, 04 de Julho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Giani Rabelo – Doutora (UNESC) - Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Marli de Oliveira Costa – Mestre (UNESC)

Prof<sup>ª</sup>. Maria Valkiria Zanette – Mestre (UNESC)

**Dedico este trabalho a todas as pessoas  
que valorizam o estudo da origem e  
resistência cultural teuto-brasileira.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de vida plena, que me proporcionou condições para chegar a este momento de conclusão de curso, superando as adversidades e dando-me inteligência, estímulo e serenidade, estando de modo especial presente em toda a minha vida.

Aos meus pais e familiares pela compreensão e incentivo neste importante momento de minha vida. Igualmente ao meu amado Moises que esteve presente participando pacientemente para que eu pudesse concluir este trabalho.

A todas minhas amigas da faculdade, pelas amizades que jamais serão esquecidas e por todos os momentos bons e difíceis que passamos juntos nesses quatro anos de graduação.

A minha professora orientadora Dr.<sup>a</sup> Giani Rabelo, pela paciência, disponibilidade e atenção sempre amorosa ao longo das discussões, correções e momentos de orientação de trabalho.

Aos demais professores do curso de Pedagogia que contribuíram de alguma forma em minha formação nestes quatro anos de curso.

**“[...] os povos se misturam, as línguas se modificam, uma língua se impõe, enquanto outras desaparecem, a vida avança e se forma, em séculos, um novo povo. [...]”**

**Eurico Back**

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou investigar quais as lembranças das ex-alunas moradoras no município de Forquilha sobre a escola étnica alemã de Forquilha (SC) e os primeiros professores entre os anos de 1915 a 1940. A escola teve início com o professor Jacó Arns, posteriormente o professor Adolfo Back também lecionou, ambos trabalharam juntos atendendo principalmente aos filhos e filhas de imigrantes e migrantes alemães. Essa escola teve suas portas fechadas devido à nacionalização do ensino ocorrida no Estado Novo (1937-1945) e em função da perseguição aos descendentes de alemães na Segunda Guerra Mundial. Para melhor análise, esta pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, na qual se fez necessário uma pesquisa de campo exploratório-descritiva, com a utilização da história oral, envolvendo três ex-alunas da referida escola. E, a partir dessas entrevistas, foi possível compreender as práticas pedagógicas dos professores, bem como a centralidade que os mesmos ocupavam nesta comunidade, os materiais pedagógicos que eram utilizados, alguns conteúdos ensinados, a arquitetura da escola, seu fechamento e o afastamento dos dois professores compreendido como voluntário.

**Palavras-chave:** Escola Étnica. Memória. Prática Pedagógica. Nacionalização do Ensino.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1: Adolfo Back em seus estudos na cidade de Blumenau .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 2: Professores Adolfo Back e Jacó Arns (usando Chapéu). .....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 3: Professores Adolfo Back e Jacó Arns com seus alunos em frente a escola na ocasião da visita do cônsul alemão .....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 4: Casamento dos professores Jacó Arns e Adolfo Back.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 5: Sociedade União Colonial .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 6 : Felicia Michels Steiner, aluna da escola no ano de 1925. ....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 7: Zita Kulkamp Hoepers, aluna da escola no ano de 1929.....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 8: Celestina Nuernberg Arns, aluna da escola no ano de 1925.....</b>	<b>43</b>



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 ESCOLAS ÉTNICAS, ESTADO NOVO E NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO NO BRASIL E EM SANTA CATARINA: O CASO DAS ESCOLAS ÉTNICAS ALEMÃS .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Escolas étnicas no Brasil e em Santa Catarina .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Estado Novo e a Nacionalização do Ensino .....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 Nacionalização do Ensino em Santa Catarina e as escolas étnicas alemãs</b>	<b>18</b>
<b>3 NÚCLEO DE ALEMÃES EM FORQUILHINHA: A CRIAÇÃO DA ESCOLA ÉTNICA ALEMÃ, OS PRIMEIROS PROFESSORES E SEU FECHAMENTO .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 O núcleo de alemães em Forquilha (SC).....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Criação da escola étnica alemã de Forquilha: primeiros professores e seu fechamento .....</b>	<b>27</b>
<b>4 LEMBRANÇAS DAS EX-ALUNAS DA ESCOLA ÉTNICA ALEMÃ DE FORQUILHINHA (SC) .....</b>	<b>41</b>
<b>4.1 Identificando as ex-alunas da escola étnica de Forquilha (SC): sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>41</b>
<b>4.2 Descrevendo o espaço escolar da escola étnica alemã .....</b>	<b>44</b>
<b>4.3 Alunas da escola étnica.....</b>	<b>45</b>
<b>4.4 Práticas pedagógicas dos professores da escola étnica .....</b>	<b>46</b>
<b>4.5 A cultura material escolar da escola étnica alemã .....</b>	<b>50</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA .....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO .....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa apresentada neste trabalho de Conclusão de Curso surgiu a partir de algumas leituras que venho realizando sobre as memórias dos antepassados que se instalaram no município de Forquilha/SC.

Como tenho também descendência de origem alemã, e meus familiares também fizeram parte da colonização de Forquilha, sempre tive curiosidade em compreender mais este processo. Dentre muitos acontecimentos que chamaram minha atenção, mereceu destaque a primeira escola étnica alemã que funcionou entre os anos de 1915 a 1940.

Sendo Forquilha colonizada por imigrantes de descendência alemã, vindos de São Martinho e Capivari, na qual com muito esforço construíram uma pequena colônia constituída de uma escola e uma igreja. Nela cultivaram lavoura, e comercializaram produtos para o sustento das famílias.

Ao ler os livros de (Adolfo Back , 1995), (Walburga Arns Silva, 1998) e o livro Criciúma 1880 – 1980: a semente deu bons frutos (1985), percebi a importância de estar aprofundando meus conhecimentos sobre a primeira escola dos alemães, seus professores, seus alunos, o que e como era ensinado, sua arquitetura entre outros aspectos.

O objetivo central que norteou esta pesquisa de abordagem qualitativa, foi compreender como a escola étnica alemã de Forquilha (SC) que existiu entre os anos de 1915 a 1940 e os primeiros professores são lembrados pelas ex-alunas, partindo do pressuposto de que “fica o que significa”, como afirma Eclea Bosi (1994).

Num breve levantamento realizado junto aos Trabalhos de Conclusão de Curso - TCCs defendidos nos Cursos de Pedagogia e História da UNESC, encontrei apenas um estudo de uma acadêmica do Curso de História que trata da escola étnica alemã em questão. No entanto, este trabalho não faz referência às lembranças de ex-alunas em relação ao educandário.

A fim de alcançar um conhecimento maior sobre o objeto desta pesquisa elenquei algumas questões com a finalidade de desdobrar tal problemática, sendo elas: o que é “escola étnica”? O que foi a Campanha de Nacionalização do Ensino no Estado Novo de Getúlio Vargas? Como se deu o fechamento das escolas étnicas? De que forma ocorreu o processo de implantação das escolas étnicas alemãs no estado de Santa Catarina? Como se deu a formação da primeira escola

étnica alemã no núcleo de Forquilha (SC) e o seu fechamento em 1940? Quais as lembranças das ex-alunas sobre a escola étnica de Forquilha e seus primeiros professores?

Neste sentido, é importante ressaltar que as lembranças sobre a escola étnica alemã e dos primeiros professores, sendo eles Jacó Arns e Adolfo Back, objetos desta pesquisa, foram identificadas a partir das memórias das ex-alunas Felícia Michels Steiner (93 anos), Zita Kulkamp Hoepers (84 anos) e Celestina Nuernberg Arns (92 anos), todas antigas moradoras do município de Forquilha. Elas frequentaram a escola nos anos de 1923 a 1929.

Assim, com base nas entrevistas, trabalhou-se a metodologia da história oral, sendo esta [...] “recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas.” (MEIHY, 1998, p. 17).

Nesse sentido, o seu uso equivale sempre de documentação oral, ou de fontes escritas, com o intuito de esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre alguma temática, buscando sempre a verdade de quem presenciou tal fato. Portanto na história oral temática, é recomendável o uso de roteiro para melhor aquisição dos detalhes procurados. (MEIHY, 1998).

Para tanto, após a realização das entrevistas gravadas (roteiro em anexo), foi realizado o processo de transcrição, transcrição e tematização, a fim de serem analisadas à luz do referencial teórico. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento (em anexo), em que autorizaram a divulgação de seus nomes e depoimentos.

Esta investigação ocorreu dentro da Linha de Pesquisa Educação Ambiental e Patrimonial, mais precisamente dentro do Eixo Temático “Memória, infância e sociedade”.

Os resultados deste estudo estão organizados em três capítulos. No capítulo 2 discuto a questão da escola étnica no Brasil e a Campanha de Nacionalização do Ensino ocorrida durante o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, em diálogo com Kreutz (2006); Santos (2005) e Seyferth (2003). Problematizo também a nacionalização do ensino em Santa Catarina, dando ênfase às escolas étnicas alemãs, tomando como interlocutores Monteiro (1984); SANTOS; FERREIRA, (2006).e MONTEIRO, (1984).

No capítulo 3, abordo o núcleo de alemães em Forquilha, tendo como destaque a criação da escola étnica alemã, os primeiros professores e o seu

fechamento a partir de Michels (2008), Silva (1998), Back (1995), Costa (2005) e Arns (2003). No capítulo 4, apresento as lembranças das três ex- alunas a respeito dos primeiros professores e da escola étnica alemã de Forquilha. Neste último capítulo as problematizações foram realizadas tomando como referências as discussões de Arns na obra *Criciúma 1880 – 1980: a semente deu bons frutos* (1985), Rabelo (2007) e Viñao Frago (2000).

Por fim, apresento as considerações finais sem a pretensão de fechar as análises aqui apresentadas.

## **2 ESCOLAS ÉTNICAS, ESTADO NOVO E NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO NO BRASIL E EM SANTA CATARINA: EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS ÉTNICAS ALEMÃS**

Como o propósito deste trabalho é aproximar-me da experiência da escola étnica alemã da colônia de Forquilha/SC, nos anos de 1915 a 1940, a partir de lembranças de ex-alunas, será abordado neste primeiro capítulo as questões das escolas étnicas no Brasil, bem como a Campanha de Nacionalização do Ensino no Brasil e em Santa Catarina, além experiências das escolas étnicas alemãs nesse mesmo estado.

### **2.1 Escolas étnicas no Brasil e em Santa Catarina**

No Brasil, a partir do século XIX, um grande número de imigrantes de diferentes etnias contribuiu para a formação de várias e diferentes culturas nas regiões sul e sudeste do país.

Instalando-se em zonas urbanas, os imigrantes portugueses e os espanhóis não deram tanta importância à manutenção da cultura e da língua, já por parte dos imigrantes japoneses, italianos, poloneses e alemães que se instalaram mais nas áreas rurais, houve maior valorização das estruturas étnico-culturais. (KREUTZ, 2006).

Deste modo, as escolas étnicas foram quase que exclusivamente característica desses grupos formados pelos imigrantes colonizadores das áreas rurais, pois eles “foram os que tiveram as iniciativas mais marcantes quanto à manutenção de especificidades culturais como idioma, organização religiosa, associativa e escolar.” (KREUTZ, 2003, p. 347).

As escolas étnicas não surgiram apenas dos grupos que tinham uma grande preocupação com suas tradições culturais, mas sim dos imigrantes que, em seus países de origem, tinham uma forte tradição escolar. Esses, por sua vez, sabiam da importância da escola e da alfabetização para seus filhos, mas ao não encontrarem escolas públicas que atendessem a essas necessidades educativas organizaram uma rede de escolas comunitárias. (SEYFERTH, 2003).

No caso dos imigrantes alemães, foco deste trabalho, vale lembrar que com o isolamento destas comunidades, principalmente em áreas rurais, restritas e

relativamente homogêneas, ou seja, não existindo relação com outras etnias, a língua e costumes foram fortemente mantidos. (SEYFERTH, 2003).

Igualmente, pode-se afirmar que não foi por opção que os imigrantes alemães isolaram-se, mas sim, por motivos resultantes da própria política de colonização instaurada no Brasil, na qual foram amplamente incentivados, aflorando a formação de colônias homogêneas.

Nesse sentido, nas palavras de Seyferth (2003, p. 28-29):

[...] por omissão do Estado, que tinha um amplo projeto de colonização com imigrantes mas não os recursos para executá-lo com eficácia, a organização das comunidades ficou a cargo dos próprios colonos. Foi assim que surgiram as escolas étnicas alemãs e suas entidades de apoio [...] sobretudo nos núcleos urbanos emergentes nas áreas coloniais, mas também nas linhas e picadas no interior das colônias. Uma intensa vida associativa prosperou nas colônias, juntamente com outros indicadores da origem étnica, como o uso cotidiano da língua alemã e a manutenção de hábitos e costumes identificados com uma “cultura alemã”.

Assim, no final do século XIX e início do século XX, com o descaso do governo perante os colonos imigrantes alemães e, igualmente, com as demais etnias, e a falta de recursos, esses colonos responderam com uma “[...] organização comunitária de serviços considerados essenciais na qual resultaram em muitas associações assistencialistas, as escolas alemãs, a mobilização para obter assistência religiosa, etc.” (SEYFERTH, 2003, p. 32).

É importante destacar que o maior número de escolas étnicas em Santa Catarina até os anos de 1940 no Brasil, foi a dos imigrantes alemães com 1.579 escolas, posteriormente, seguiam com o maior número de escolas o grupo étnico dos italianos com 396, os poloneses com 349 escolas e, por último, com menor número, os japoneses com 178 escolas. Outras etnias também se encontravam com um número menor de escolas étnicas. (KREUTZ, 2006)

No entanto, para os colonos imigrantes das etnias alemãs, polonesas e japonesas, Kreutz (2006, p. 156) faz a seguinte ressalva: “[...] o processo escolar étnico tinha peso maior por motivos religiosos e, principalmente, pela grande diferença linguística e cultural dos seus países de origem com o Brasil.”

As escolas étnicas, geralmente eram consideradas particulares, comunitárias ou religiosas (católicas ou protestantes), pois não havia meios de manter escolas públicas. Essas se localizavam na própria Igreja (católicas e protestantes), nos próprios prédios das capelas, ou então em casas cedidas pelos

próprios colonos, existindo diferenças entre as escolas étnicas urbanas e rurais. Havia também diferenças entre escolas étnicas da mesma etnia e estados. (KREUTZ, 2006).

Para os colonizadores alemães, a escola era vista como um dos meios mais eficazes para combater a decadência cultural e religiosa. Além da manutenção dos professores e da produção de material didático, as escolas rurais eram comunitárias, criadas e mantidas pelas comunidades teuto-brasileiras. (KREUTZ, 2006). Sendo assim:

[...] Como ponto de partida organizava-se a comunidade escolar (*Schulgemeinde*). Integrada por todos os moradores de uma comunidade, ela chamava a si tudo que fosse necessário para instalar e fazer funcionar a escola. Dentre os membros da comunidade escolar elegia-se a diretoria da escola (*Schulvorstand*). Composta de poucas pessoas, a diretoria encarregava-se diretamente da construção do prédio da escola; preocupava-se também com a instalação interna e com material didático. A função certamente mais importante relacionava-se com o professor. À diretoria cabia a procura e a escolha do professor, sua contratação, pôr-lhe à disposição a moradia e uma área de terra em que sua família pudesse trabalhar. Fiscalizava-se o desempenho, vigiava-lhe a conduta, garantia-lhe a remuneração que considerasse condigna. E no caso de não satisfazer às expectativas, era ainda a diretoria da escola que tratava de sua substituição. Esta era a escola comunitária. (RAMBO, 2003, p. 69-70).

Foi a partir de 1900, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul que ocorreu um grande desenvolvimento no processo escolar dos imigrantes alemães, além disso, houve uma grande ampliação na produção de material didático. Igualmente é possível destacar outro crescimento onde em 1937, “[...] o número de escolas de imigrantes alemães no Brasil era de 1.579, distribuindo-se da seguinte forma pelos estados: RS, com 1.041; SC com 361; SP com 61; RJ com 16; ES com 67, outros estados com 33.” (KREUTZ, 2006, p. 160).

Desta forma, ainda na maioria dos casos, essas escolas comunitárias eram consideradas confessionais, supervisionadas pelas confissões religiosas, podendo ser católicas ou evangélicas. Neste sentido, o ensino da religião era primordial tendo em sua programação um espaço significativo para a leitura da Bíblia e para o catecismo.

É possível observar outras considerações a respeito das escolas étnicas alemãs, nas palavras de Rambo (2003, p. 70):

Com a finalidade de transformar a escola no meio estratégico de maior importância para a sua sobrevivência, trataram os imigrantes alemães de imprimir-lhe uma organização didático-pedagógica coerente. Fizeram dela uma instituição em que as crianças, filhos dos colonos, além de receberem uma alfabetização elementar, adquiriram um razoável domínio no manejo da língua escrita e falada. A instituição escolar fornecia-lhes também um sólido conhecimento de aritmética, de cálculo de juros e de porcentagens, além de informações sobre medidas, volume, pesos, etc. A escola esmerava-se, portanto, em tudo que pudesse contribuir para que o filho do colono fosse capaz de gerenciar com segurança as suas atividades agrícolas.

Sendo assim, a manutenção da língua, das características da cultura e das tradições oriundas do seu país de origem, foi o que os colonos alemães mantiveram presentes por algum tempo, até o momento em que começa a se desenvolver no Brasil e também no estado de Santa Catarina, um lento processo de nacionalização do ensino. Antes mesmo de 1930, com o governo do “coronel” Vidal Ramos (1914-1915), deu-se início ao processo nacionalizador em Santa Catarina, com a primeira reforma do ensino. O governo abriu escolas públicas próximas às escolas étnicas, com o intuito preventivo, porém sem impedir que as mesmas fossem fechadas. Só no final da década de 1920, com a tendência crescente do nacionalismo, foi que então o governo começou a tratá-las com mais restrições (KREUTZ, 2003).

## **2.2 Estado Novo e a Nacionalização do Ensino**

A partir de 1937, no governo de Getúlio Vargas, com a implantação do Estado Novo no Brasil, inicia-se em todo país uma forte Campanha de Nacionalização do Ensino, quando o Estado brasileiro intervém nacionalmente nas experiências escolares comunitárias das áreas de imigração, tanto alemãs como também de outras etnias. (SANTOS, 2005).

Nesse sentido, Rabelo reafirma tal processo:

O processo de Nacionalização dos imigrantes europeus no Brasil contou com a intervenção pontual do Estado, durante o chamado Estado Novo, na década de 1930, quando foi oficialmente interdita a prática das línguas dos imigrantes. A interdição se deu através de legislações e de uma ampla campanha de nacionalização do ensino primário, que ao mesmo tempo implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira e interditiu a prática dessas línguas estrangeiras. (PAYER, 2008 apud RABELO, 2005, p. 38).

Importante sinalizar que por mais de meio século, as escolas de



imigrantes funcionaram como escolas particulares ou escolas comunitárias, sem depender do poder público, mas a partir do Estado Novo, nos anos de 1937 até 1945, são fechadas, uma vez que só poderiam “[...] lecionar o/a professor/a que fosse de nacionalidade brasileira, sendo implementado todo um aparato jurídico-policial [...]”. (LOURENÇO, 2005, p. 38-39).

Para os governantes brasileiros, idealizadores desta campanha, se fazia necessária tarefa de nacionalizar os “estrangeiros” e torná-los de fato “brasileiros”, ou seja, os “alemães” e demais descendentes de imigrantes nascidos no Brasil.

Foram estabelecidas medidas pelo governo como a proibição da língua estrangeira, em qualquer espaço, fosse ele público ou privado. Do mesmo modo era vedada qualquer forma de manifestação cultural ou costume que fosse de origem européia. (SANTOS, 2005).

No dia 22 de agosto de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil declarou guerra contra a Alemanha nazista e seus aliados, assim foram considerados “inimigos” os imigrantes alemães que viviam no país. (SANTOS, 2005).

Com o posicionamento do Brasil contrário à Alemanha nazista, tornou-se ainda mais intenso o processo de nacionalização do ensino, fazendo assim com que o governo tomasse medidas mais drásticas em relação aos colonos descendentes de alemães. (AURAS, 1991, apud SANTOS, 2005).

Nas palavras de Fáveri (2003 apud SANTOS, 2005, p.32):

Para entender estas ações repressivas, é preciso localizar no contexto mais amplo, a questão nacional, nos anos de 1930 a 1940, após a ascensão do nazismo e com Hitler no poder (1933), o perigo de uma invasão na América do Sul, passou a ser considerado real, mesmo porque as idéias imperialistas do Führer não escondiam o desejo de tornar a Alemanha um império poderoso.

Neste caso, é possível perceber que havia a preocupação do governo brasileiro em relação ao envolvimento do país na guerra contra a Alemanha, pois os nazistas tinham como ideologia dominar o mundo, é neste sentido os imigrantes alemães que aqui habitavam eram vistos, como uma ameaça, pois poderiam estar transmitindo supostas informações ao governo alemão.

Assim, foi intensificada no Brasil a política de nacionalização, em que “[...] o governo passou a ‘abrasileirar’ esses imigrantes como forma de resistência, para

que fossem fiéis à Pátria em caso de um possível ataque alemão.” (SANTOS, 2005, p. 33).

Por isso, as colônias de imigrantes alemães em todo o território brasileiro, sofreram graves conseqüências, pois esses imigrantes eram vistos como não cumpridores dos deveres de fidelidade e de honra à pátria brasileira, levando a diversos conflitos entre o governo e os próprios imigrantes alemães, com perseguições e ameaças, igualmente sofrendo, inclusive, espionagens dentro das colônias. Em Santa Catarina, nas colônias de imigrantes alemães não foi diferente, com o governo de Nereu Ramos, conforme será discutido no capítulo seguinte.

### **2.3 Nacionalização do Ensino em Santa Catarina e as escolas étnicas alemãs**

Com a chegada dos imigrantes alemães no Estado de Santa Catarina, em meados dos séculos XIX e XX, e com o descaso do governo perante esses colonos, foi que se proliferaram no estado as escolas étnicas. Nelas tentava-se avivar a língua, a cultura, a história e a geografia da Alemanha para aqueles que já eram considerados brasileiros, ou seja, os filhos dos imigrantes alemães.

Como as escolas existentes no Brasil, antes da sua independência, eram mantidas por instituições religiosas e atendiam somente camadas mais elevadas, os imigrantes aqui instalados não tinham condições financeiras para frequentá-las. Em Santa Catarina a preocupação com as escolas públicas só surgiu no ano de 1911, no governo de Vidal Ramos. (MONTEIRO, 1984). O referido governo, que tinha como plano de ação “Viação e Educação”, promoveu várias reformas no ensino público. De acordo com Nascimento (2008, p. 126):

Em vista desses investimentos, que visavam a manutenção e à ampliação da hegemonia do estado na federação, o ensino paulista tornou-se o modelo que define a instauração de reformas do ensino público em várias unidades da União. A Contratação do professor paulista Orestes Guimarães, colocado a disposição do governo catarinense pelo governo do estado de São Paulo, estreitou os vínculos entre a reforma do ensino em Santa Catarina e as ações que se haviam tomado em São Paulo.

Neste sentido, [...] “somente em 1919 que se tomaram as primeiras medidas concretas, em relação à nacionalização do ensino em Santa Catarina, e isso se deu com a criação da Inspeção de Nacionalização do Ensino” [...]. (MONTEIRO, 1984).

Como já havia a necessidade de nacionalizar as áreas rurais colonizadas por imigrantes, principalmente os de origem teuto-brasileira, tanto o governo federal, como o estadual tomaram medidas para colocar as escolas elementares neste processo nacionalizador. (MONTEIRO, 1984).

Portanto, para Santos e Ferreira (2006, p. 2):

Nas primeiras escolas comunitárias alemãs, criadas no século XIX e meados do século XX, utilizava-se o idioma alemão e os conteúdos curriculares tratavam especialmente de questões vinculadas à cultura teuta e européia. Os professores geralmente eram membros mais instruídos da comunidade e a manutenção do docente como da infra-estrutura da escola eram assumidas pelos moradores locais, que as financiavam. Mas as primeiras medidas nacionalistas após a I Guerra Mundial exigiram transformações: a administração e os professores deveriam ser brasileiros natos e falantes do português e o currículo devia incluir noções de civismo, geografia e história pátria. Diversas instituições fecharam porque não conseguiram atender as exigências.[...]

A preocupação central do projeto que se afirmou na década de 1930, e consolidou -se no Estado Novo, foi a de educar então os catarinenses para constituí-los como cidadãos disciplinados. Sendo assim, a escolarização passou a ser o elemento de afirmação do país. Então, no ano de 1938, o governador Nereu Ramos implantou a política de nacionalização em todo o estado, tomando medidas drásticas, especialmente nas colônias teuto-brasileiras, sofrendo assim uma forte repressão tendo como primeira medida a proibição do ensino da língua alemã nas escolas e igualmente nas colônias de imigrantes. (SANTOS, 2005).

Nereu Ramos investiu no projeto de modernização e nacionalização do sistema escolar catarinense, principalmente a partir de 1938, quando concretizaram-se medidas como a proibição da língua estrangeira nos estabelecimentos escolares e a criação da Superintendência Geral das Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino. Um discurso, pronunciado por Vargas durante visita oficial à capital catarinense em 1940, evidenciou que as questões relacionadas à educação, aos olhos de governo, não desvinculavam-se de preocupações com a construção da nacionalidade e preparação de catarinenses para atender exigências do processo produtivo. A grande campanha de nacionalização do ensino foi referenciada como ação do poder público de importância singular para constituição do sentimento de brasilidade e consolidação de noções de trabalho nos indivíduos (CAMPOS, 2004 p. 153-154).

Neste Contexto, foi exigido o domínio da língua nacional, ou seja, a língua portuguesa nas comunidades de imigrantes, o uso do vernáculo deveria ser tanto utilizado pelos professores como pelos alunos das escolas étnicas, embora ainda o uso da língua alemã era essencial nas colônias, e mesmos os professores que

lecionavam nas escolas, muitas vezes não dominavam a língua portuguesa. Os professores nomeados que chegavam às colônias alemãs, para substituir os que já atuavam nas escolas étnicas, encontravam grandes dificuldades em se comunicar com os alunos e estes tinham dificuldades em aprender a língua portuguesa (SANTOS; FERREIRA, 2006).

A inspeção escolar ocupou um papel estratégico neste processo, é o que afirma Monteiro (1984, p. 80):

Nas áreas de colonização alemã do Estado, a inspeção escolar ganhava caráter prioritário. Além dos inspetores escolares, as escolas destas áreas eram visitadas pelo inspetor das escolas particulares e nacionalização do ensino e pelo inspetor federal das escolas subvencionadas pela União. No entanto não há dúvidas que era o inspetor escolar, a pessoa que mais contactava com as escolas de sua circunscrição, cabendo a ela visitá-las e, em primeira instância tomar as medidas cabíveis.

Portanto, os inspetores tinham o papel de fiscalizar, verificando sempre se as escolas de modo geral atendiam as orientações legais do Departamento de Educação, também fiscalizavam a gestão escolar, os professores e suas práticas pedagógicas.

Após a inspeção escolar, cada inspetor preenchia o termo de visitas de acordo com as características da escola, contendo sua identificação, a quantidade de alunos matriculados, o número de alunos presentes e faltantes a cada visita, a descrição da sala de aula, a mobília da escola, e a descrição e classificação do docente, assim “[...] apareciam os termos regente ou interino, auxiliar, provisório, titulado, ou não titulado, normalista ou não normalista.” (SANTOS; FERREIRA, 2006, p.6).

Do mesmo modo, os materiais didático-pedagógicos como livros, mapas, filmes, gravuras, bandeiras, revistas e entre outros, também ficavam a cargo da fiscalização do inspetor, pois estes materiais poderiam conter algum conteúdo que favorecessem a pátria mãe destes imigrantes alemães e seus descendentes. Como afirma Monteiro (1984, p. 78):

A legislação em vigor estipulava certas normas, como o uso de livros e programas prefixados pelo programa de Departamento de Educação. No entanto, nem sempre isso era obedecido e, além do mais, era preciso orientar o professorado, alertando-o da importância do material didático na aprendizagem da criança. Era preciso porém selecionar este material, evitando-se que abusos fossem cometidos, por simples desconhecimento e as vezes por interesse nocivo. [...].

Ainda outra questão importante atribuída ao inspetor era a observação dos alunos em sala de aula o que lhe permitia tirar suas próprias conclusões diante das medidas tomadas pelo professor em relação à nacionalização do ensino. Cabia, inclusive ao inspetor, aplicar aulas durante a sua fiscalização, pois só com a prática poderia fazer a sua análise. Nas palavras de Monteiro (1984, p. 17):

[...] primeiro o inspetor assistia a uma aula ministrada pelo professor de classe. A seguir, ele próprio ministrava uma aula que poderia ser de Português, História ou Geografia do Brasil ou Educação Moral e Cívica. No entanto na maioria das vezes, esta aula era de Português, pois era este o âmago da questão. [...]

Vale lembrar que, com o a nacionalização do ensino, as escolas passaram a adotar o ensino da História e Geografia do Brasil e noções de civismo, nas quais os professores deveriam elaborar atividades com os alunos idealizando o patriotismo, assim como aulas de Educação Física com atividades que davam a idéia de ordem e obediência. (SANTOS; FERREIRA, 2006)

Portanto, era comum serem aplicadas homenagens cívicas diariamente nas escolas: com pelotões e passeatas afirmando [...] “aspectos de uma prática pedagógica com moldes militaristas, [...] desvelando não só o caráter nacionalista, mas também uma política autoritária de formato vertical” [...] (SANTOS; FERREIRA, 2006, p. 5)

Com relação à aprendizagem nas escolas étnicas alemãs, observadas pela inspeção nacionalizadora, esta se dava por meio de testes, em que o inspetor, ao aplicar com os alunos, verificava as habilidades da escrita, da leitura, a assimilação de conteúdos correspondentes ao ensino a História e Geografia brasileira, Aritmética, Língua Portuguesa, Educação Moral e Cívica, entre outras, finalizando sua inspeção com a “impressão geral” e algumas recomendações.

Portanto, com o presidente Getulio Vargas, as escolas comunitárias alemãs precisavam estar legalizadas para que fossem reconhecidas pelo Estado, sendo a elas impostas uma série de leis e decretos estaduais, com o intuito de uniformizar as disposições já existentes e de colocá-las de acordo com as orientações sociais e políticas do Estado Novo. Caso isso não ocorresse, estas escolas poderiam ser transformadas em escolas estaduais ou até mesmo fechadas. (MONTEIRO, 1984).

Com o fechamento de algumas escolas, por não atenderem às leis e

decretos exigidos pelo sistema de nacionalização do ensino, e com a inserção das escolas estaduais no lugar das antigas escolas étnicas, aconteceram alguns inconvenientes como relata Monteiro (1984, p.85):

O fechamento das escolas particulares e a conseqüente criação de escolas públicas para substituí-las, se assim fosse necessário, trouxeram alguns inconvenientes, como: trauma causado à população com o fechamento da escola particular; dispensa de alguns professores de origem alemã, pessoas ligadas a comunidade; criação de escolas públicas; imposição de professores e obrigatoriedade de enviar seus filhos a escola pública, sob pena de infringirem os preceitos legais.[...] mas esta insatisfação natural e plenamente compreensível se restringia à resistência em mandarem seus filhos a escola pública. Se outras manifestações existiram, não se devem atribuí-las às comunidades de colonização alemã, e sim às lideranças isoladas que utilizavam todos os recursos, no sentido de reavivar, compromissos inexistentes destas comunidades com a Alemanha Nazista.

Neste sentido, o processo de nacionalização do ensino em Santa Catarina se intensificou durante o Estado Novo, alcançando seu ponto máximo nos anos de 1938 e 1939, período próximo ao fechamento da escola étnica alemã localizada na colônia de Forquilha – SC que funcionou entre os anos de 1915 a 1940.

### **3 NÚCLEO DE ALEMÃES EM FORQUILHINHA: A CRIAÇÃO DA ESCOLA ÉTNICA ALEMÃ, OS PRIMEIROS PROFESSORES E SEU FECHAMENTO**

Neste capítulo será tratada a vinda dos imigrantes alemães para o Brasil, bem como a sua migração até a colônia de Forquilha, no sul do estado de Santa Catarina. Ainda será discutida a criação da escola étnica alemã, situada nesta colônia, seus primeiros professores e o seu fechamento, devido a campanha de Nacionalização de Ensino.

#### **3.1 O núcleo de alemães em Forquilha (SC)**

Na Europa, em meados do final do século XVIII, grande parte do território alemão, após as guerras napoleônicas, encontrava-se em situação de extrema destruição. Nesse sentido, muitos que ali ainda habitavam entendiam que o exílio, ou seja, deixar a sua pátria mãe era a melhor solução e a única possibilidade de se proteger dos desastres da guerra.

Neste contexto, Dom João, Dom Pedro I financiaram a vinda de europeus para a formação de núcleos coloniais de povoamento. Segundo Kreutz, “[...] entre os anos de 1826 a 1850, a maioria dos alemães provinha de ambas as margens do rio Mosela, afluente da margem esquerda do Reno, a região Hunsrück”. (KREUTZ, 1991 apud SILVA, 1998, p. 23).

Neste contexto com a intensa campanha realizada pelo governo brasileiro, por volta de 1850, para atrair imigrantes a fim de que se estabelecessem em terras despovoadas, os primeiros imigrantes atraídos pela campanha foram os alemães, pois eram considerados bons agricultores e, portanto, imigrantes ideais para o povoamento no Brasil. (MICHELS, 2008).

Provocado pelas tensões européias e, posteriormente, pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918)<sup>1</sup>, a Alemanha havia sido assolada por um período de fome e miséria. A agricultura já não era suficiente para suprir as necessidades da população, o que agravava constantemente o problema da fome, igualmente o desemprego aumentava e os problemas de habitação também cresciam, pois havia

---

<sup>1</sup> A Alemanha na Primeira Guerra Mundial fazia parte da Tríplice Aliança, formada em 1882 junto com a Itália e o Império Austro-Húngaro, sofrendo vários prejuízos econômicos com sua derrota após o término da guerra.

uma superpopulação. (SANTOS, 2005).

Com a chegada desses imigrantes aqui no Brasil, depois de uma travessia longa e árdua, deixando para trás a sua terra natal, e acreditando numa vida melhor em terras desconhecidas, férteis, com toda a assistência necessária para viver uma vida melhor do que estavam vivendo na Alemanha, foi que o primeiro grupo de imigrantes alemães se instalou no Rio Grande do Sul, mais precisamente na cidade de São Leopoldo e, anos depois os grupos que aqui chegaram, se instalaram em outros estados, como foi o caso de Santa Catarina.

Os imigrantes que aportaram em Santa Catarina, no Porto do Desterro, em Florianópolis, foram instalados provisoriamente, pelo governo da Província, em um barracão coberto de palha (palhoça) dando futuramente o nome ao Município de Palhoça. De lá partiram para as regiões norte, oeste e sul do estado. Ainda para os mesmos foi dada a oportunidade de escolherem seus próprios terrenos em que iriam habitar e cultivar. (MICHELS, 2008).

Nessa época, a ocupação tornou-se a única forma de obter terra, já que a doação de lotes, característica da política de terra da Colônia fora abolida na época da Independência e a Lei das Terras seria decretada apenas em 1850, estabelecendo como forma de posse de terra a compra ao governo. Essa Lei surgiu por pressão dos latifundiários, os quais, necessitados de mão-de-obra, queriam dificultar o acesso à terra por parte dos escravos “libertos” e imigrantes. (SILVA, 1998, p. 24).

É importante ressaltar que o governo brasileiro tinha como objetivo, abrir as portas aos colonos imigrantes dentre eles, italianos, alemães e poloneses, com o intuito de que eles promovessem a agricultura, contribuindo então, com o desenvolvimento econômico do país, cultivando e plantando. Neste sentido, o “imigrante desejado, então, era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades” (COSTA, 2005, p. 19).

A criação do município de Forquilha está inteiramente ligada ao processo migratório europeu, uma vez que as famílias numerosas desses colonos foram aumentando, e as terras que eram divididas entre eles já não estavam mais sendo suficientes para suprir as suas necessidades. Os colonos alemães migraram, então, para novas terras, ao sul de Santa Catarina.

Esses imigrantes e migrantes alemães, por volta de 1910, estabeleceram-se nas colônias de Capivari, São Martinho, São Ludgero, Braço do Norte, Vargem do Cedro e outras colônias, chegando a Forquilha pelas margens do rio Mãe Luzia.



(BACK, 1995).

As péssimas estradas e as viagens cansativas se tornavam uma barreira para os imigrantes alemães explorarem as novas terras na região sul de Santa Catarina. Igualmente, outro problema que surgira para suprir as necessidades dessas famílias era a insuficiência de terras em Capivari<sup>2</sup>. Por isso, no fim do século XIX, “apesar dos maus, difíceis e quase inexistentes meios de locomoção, ao sul de Tubarão, a fama das belas, grandes e fertilíssimas planícies do Araranguá penetrou na colônia do Capivari”. (BACK, 1995, p. 08).

Deste modo, um grupo de imigrantes que residiam em Capivari, sendo eles, Henrique e Germano Berkenbrock, Germano Boeing, Felipe Arns e João José Back, resolveram conhecer as terras da planície do Araranguá. (BACK, 1995).

Em 1910, este mesmo grupo de homens saiu de Capivari com o intuito de visitar alguns parentes em São Bento Baixo e de também comprar novas terras nas planícies circunvizinhas. Após a visita aos parentes, foram para a compra das terras, onde em São Bento Baixo se juntou ao grupo mais dois compradores, Gabriel Backes e Jerônimo Michels.

Depois de muitos dias de caminhada por entre as matas e descontentes com o que avistaram alguns moradores, que se encontravam próximos, aconselharam para quem fossem ver os terrenos nas margens do rio Mãe Luzia, perto da afluição do Rio São Bento. (SILVA, 1998).

[...] embora não fossem terra de especial qualidade no conjunto todo, havia parte de muito bom agrado. Havia, pois, cerca de 3 km abaixo da foz do São Bento, uma área de aproximadamente 690 ha à venda. A configuração do terreno era bastante imprópria para os moradores que para lá viessem. O terreno tinha as seguintes dimensões: frente, 1.132 m e, de fundos, mas de 6.000 m. O problema era como dividir esta área assim, que todos os interessados viessem a se estabelecer na margem do rio. Estavam interessados na compra Gabriel Arns, Geraldo Westrup e João José Back. Ainda se associaram na compra dois moradores de São Bento, José Michels e João Backes. Acordadas entre os companheiros a divisão do terreno e a área que cada um tomava a si, compraram o terreno. (BACK, 1995, p.10).

---

<sup>2</sup> Localidade próxima ao município da Laguna e Tubarão. A origem do nome Capivari vem do significado da palavra "Capivary", que em Tupi-Guarani, significa Rios das Capivaras. A este rio, os índios denominam "Capivary" e assim deu origem ao nome.

Deste modo, após a compra do terreno que pertencia aos moradores do núcleo de italianos de Nova Veneza, estava dado o primeiro passo para a formação da colônia de alemães de Forquilha, situada então no sul de Santa Catarina, onde hoje, encontra-se as cidades de Araranguá e Criciúma<sup>3</sup>, ao oeste, a serra do mar e a leste, estendem-se as planícies até o Oceano Atlântico, é banhada também pelo rio Mãe Luzia, afluente do rio Araranguá. (SANTOS, 2005).

Vale lembrar que:

A cada processo migratório deixam-se para trás: parentes e amigos; mortos enterrados; moradia construída com sacrifício; no pomar, no roçado, as suas marcas de trabalho, um pedaço de si mesmo. Carregam-se muitas lembranças, alguns utensílios, ferramentas... e muita determinação para recomeçar. (SILVA, 1998, p. 66).

E, para esses colonos alemães explorarem essas terras em Forquilha, foi dado início a uma difícil tarefa, pois precisavam vencer as dificuldades encontradas na natureza, como a derrubada de árvores e enfrentar animais selvagens quando aqui chegaram. Vale lembrar que essas terras já eram habitadas por índios nativos.

Feita a mudança das famílias vindas de Capivari e também de São Martinho para novas terras adquiridas, cujo nome derivou da palavra força - relacionando com a afluência do rio São Bento sobre o rio Mãe Luzia, resultando no diminutivo para Forquilha - é que os imigrantes alemães construíram suas residências e suas lavouras.

Neste sentido os colonos alemães foram ocupando as terras devolutas<sup>4</sup>:

[...] num processo controlado, e ali ficaram isolados da sociedade brasileira, com a qual só teriam contato mais intenso já no período republicano. O sistema privilegiou o regime de pequena propriedade familiar, em lotes demarcados nas picadas e travessões quase sempre acompanhando os cursos d'água. (SEYFERTH, 2003, p. 27 ).

Assim, a recém formada colônia de Forquilha foi tomando suas primeiras medidas, de acordo com as dificuldades iam aparecendo, para que seus moradores tivessem todas as suas necessidades atendidas. Além das lavouras, era preciso a construção de uma igreja para que fosse cultivada a religião católica,

<sup>3</sup> Criciúma pertencia ao distrito de Araranguá, tendo sua emancipação em 1925.

<sup>4</sup> são terrenos públicos, ou seja, propriedades públicas.

predominante entre colonizadores, bem como a construção da escola para a manutenção da língua e da cultura de seu país de origem, esta que será discutida no próximo item deste trabalho.

### **3.2 Criação da escola étnica alemã de Forquilha: primeiros professores e seu fechamento**

Nos primeiros tempos, apesar das dificuldades nesse reinício, com o comércio de suas lavouras de arroz e milho e da venda de carnes e, principalmente, de banhas e miudezas como: leite, ovos e manteiga - devido os baixos preços que o único comércio situado no Município de Nova Veneza oferecia - e também pelas péssimas estradas de terra, os alemães e descendentes não se descuidaram da educação dos seus filhos. De acordo com Silva (1998, p. 50-51):

Os descendentes de imigrantes alemães aqui mencionados mantêm certa unidade coletiva, resultante da identidade cultural comum: língua, religião, costumes, modo de vida. Pequenos agricultores, com origem e histórias comuns, são *Deutschbrasilianer* (brasileiros, descendentes de alemães) que se distinguem tanto dos luso-brasileiros quanto dos *Reichdeutschen* (alemães propriamente ditos). não há grande dispersão geográfica e a constância dos encontros dominicais, por ocasião dos cultos laicos, favorece a troca de idéias e os laços que unem parentes e vizinhos, onde o lazer coletivo também encontra seu espaço. [...] existe ainda outra característica dessa gente: a preocupação com a instrução, ao menos rudimentar dos filhos e o hábito da leitura como canal de informações continua [...]. (SILVA, 1998 p. 50-51).

A partir disso, pode-se afirmar que a colônia de Forquilha foi se desenvolvendo, mesmo, desprovidos da ajuda do governo. Paralelamente havia uma grande preocupação com a educação das crianças, pelo fato de serem um povo que valorizava a religião e a educação.

Como havia crianças em idade escolar, sentiu-se a necessidade de criar uma escola para atender seus filhos, porém, encontraram dificuldades e a maior delas foi encontrar alguém que se dedicasse ao ensino.

Em algumas famílias, os próprios pais ou avós reuniam os pequenos para ensinar a ler e escrever e, geralmente, ensinavam na língua materna, ou seja, na língua alemã, pois era a única que conheciam. (BACK, 1995).

Improvisavam uma sala de aula, que poderia ser um quarto ou a sala de uma casa. Os professores eram escolhidos pela comunidade ou, geralmente, eram

aqueles que tinham um conhecimento um pouco maior e que se arriscavam a dar aulas para as crianças. Mas, muitos eram repreendidos pelos próprios pais dos alunos por serem brutais ou severos demais, e por certo, pela falta de experiência acabavam por eles mesmos, muitas vezes, fazendo com que essa escola improvisada não existisse mais. (BACK, 1995).

Nesse sentido, por algum tempo os moradores de Forquilha e também de outras comunidades instaladas ao longo dos estados vizinhos, colonizados por imigrantes alemães, tiveram que organizar suas recém colônias apenas com os recursos que tinham, pois o governo omitiu o auxílio para os imigrantes recém chegados.

Foi por isso, então, que surgiram as escolas étnicas, neste caso, as escolas étnicas alemãs, a fim de atender as necessidades escolares, além de cultivar a língua materna, ou seja, a alemã, e do mesmo modo, dar continuidade aos hábitos destes imigrantes.

Após muitas tentativas de construir uma escola em Forquilha, por falta de professores, surge no ano de 1915 Jacó Arns, recém formado na cidade de Blumenau (SC). Ele assume a escola, sendo iniciada como escola particular, depois se tornou escola estadual, e anos mais tarde tornou-se particular novamente. Era freqüentada não só pelos filhos dos imigrantes alemães, mas também pelos filhos de brasileiros e italianos que moravam nas redondezas. (BACK, 1995).

Jacó Arns tinha vasta e sólida cultura geral, incomum entre os demais moradores da colônia, a sua necessidade de se manter informado sobre o que acontecia em nível nacional e internacional era muito grande, principalmente sobre os assuntos políticos à época, isso explicava a sua assiduidade com as leituras desde a sua adolescência. (SILVA, 1998).

Com as dificuldades financeiras, na qual encontrava a sua família, que sobrevivia da agricultura, e do seu isolamento dos centros culturais do restante do país, Jacó Arns, apesar da precariedade escolar, encontra em sua família um ambiente letrado, no sentido de possuir pais e avós leitores e materiais de leituras vasto e diversificados.

Com os jornais que o avô recebia e com os livros que possuía, Jacó usou e abusou intensamente. Contava ele que muitas noites até altas horas da madrugada estavam lendo a luz de uma lamparina de querosene, naturalmente as escondidas dos pais, pois que estes não admitiam tal exagero. Serviu-lhe, no entanto, para adquirir vastidão de conhecimentos.

Também o seu encargo de vigia de seu avô doente e inerte o estimulava à leitura, pois sabia que os chamados eram constantes, para a mudança de posição na cama do doente e outras necessidades. (BACK, 1995 apud SILVA, 1998, p. 52).

É bem provável que na decisão do jovem Jacó Arns em se tornar professor tenha pesado a necessidade de se pensar em alguém preparado para assumir a escola na nova comunidade, uma vez que o mesmo sabia do zelo em que os colonos alemães, da recém formada colônia de Forquilha, tinham com relação as instruções dos seus filhos. Nas palavras do professor:

A razão imediata para tornar-me professor foi um amor infeliz. Pouco após meu vigésimo aniversário, arrumei uma namorada. Era a irmã mais nova da minha cunhada Helena. Namorávamos há mais de um ano. Eu acreditava firmemente que era correspondido. Mesmo assim, ela me pôs a correr. Motivo: ela não poderia acompanhar-me até Forquilha. [...] Sempre tive o desejo de estudar. Mas faltava-me a possibilidade. Depois do acontecimento [...] pensei em jamais me casar. Um empreendimento agrícola sem ter mulher, me parecia tolice. Como professor poderia morar com meus pais e irmãos. Comecei a estudar seriamente. Toda semana ia por alguns dias à casa do professor Johannes Hoepers. Ele era também escrivão do distrito. Enquanto estava lá, trabalhava pela manhã na plantação dele. Pela tarde e à noite eu deveria estudar e o professor deveria também dar-me algumas aulas, mas ele nunca chegou a fazê-lo. Pela tarde eu o ajudava, na maioria do tempo, nas escrituras. O professor tinha um volume pequeno de História do Brasil, Geografia e Gramática da Língua Portuguesa. Nestes três estudava com afinco, à noite, à luz de um tição de petróleo. Senti que com esse tipo de estudo não haveria muito progresso. Meu pai foi buscar conselho junto ao nosso pároco, Joh. Bapt Steiner. Este aconselhou que o fosse a Florianópolis em busca de aulas particulares. (ARNS, J., 1967 apud SILVA, 1998, p. 53).

Nesse sentido, embora Forquilha tivesse poucas famílias na época, Jacó se preocupou em construir uma escola, onde desde o início pudesse proporcionar o ensino e a cultura para as crianças.

Igualmente, por parte dos descendentes de imigrantes alemães havia uma necessidade de preservar sua identidade cultural, pois corriam o risco de anularem-se em terras até então estranhas por eles, ao mesmo tempo em que apostavam na construção de uma vida digna para si e, também para seus filhos, objetivando então a necessidade de certo grau de instrução. Neste sentido:

Para a educação de então, era necessário estabelecer referências claras, a fim de que as crianças aprendessem a distinguir entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, o permitido e o proibido. Elas não podiam ficar à mercê de si mesmas, entregues a opções individuais e ações tais que poderiam ser perniciosas a elas mesmas ou a outros. A liberdade individual, suas decisões. Seus atos deveriam respeitar os limites e a segurança da ética coletiva. (SILVA, 1998, p. 125).

Então, em julho de 1914, que o jovem idealista Jacó montou em seu cavalo rumo a Florianópolis em busca de um estabelecimento de ensino que pudesse prepará-lo para o cargo de professor, porém não existindo educandário especializado para esse tipo de formação, o mesmo teve que se dirigir à cidade de Blumenau.

Chegando a Blumenau, o jovem foi para um seminário, onde em pouco tempo os futuros professores ficavam aptos para darem aula no interior das cidades do estado. Apesar da sua precária escolaridade anterior, o professor concluiu o curso em um ano e quatro meses, sendo que a sua duração em média levaria três anos. Sob a direção do seminário estava o professor Frei Estanislau Shaette, este o ajudou muito. (BACK, 1995).

Terminado o curso em Blumenau, ele segue para Florianópolis para prestar os exames para requerer para si a Escola Estadual, criada na colônia de Forquilha.

Após a viagem de estudos, no ano de 1915, Jacó Arns, acompanhado do Frei Estanislau Shaette - este que prometera ajudar o jovem na abertura da escola - nos últimos dias de dezembro desse mesmo ano, obteve 35 alunos matriculados. (BACK, 1995).

Construída, por sete colonos de língua alemã, a escola tinha em suas dimensões 6 por 7 m. A armação foi feita toda de madeira, e seus vãos entre os esteios foram fechados com tijolos que após foram rebocados. A escola se dá início em 27 de dezembro de 1915, como escola particular, e com as matrículas das 35 crianças, composta de uma classe multisseriada, etnicamente heterogênea e de diferentes credos religiosos. (SILVA, 1998).

Já no ano seguinte, 1916, a escola transforma-se em estadual, sendo o professor nomeado e remunerado pelo estado, e paralelo a isso, Adolfo Back<sup>5</sup>, aluno de Jacó Arns, viaja também para Blumenau para aperfeiçoar seus estudos, para futuramente se formar professor e ajudar seu amigo na escola da colônia de Forquilha. (BACK, 1995).

---

<sup>5</sup> ADOLFO BACK, nasceu em 26/04/1895 em Teresópolis/São Martinho e faleceu em 15/08/1972. Coursou Magistério no Colégio Santo Antônio em Blumenau, de 1917 a 1920, lecionando durante este período no próprio Colégio; de 1921 a 1935 lecionou em Forquilha; fundador e gerente da Sociedade União Comercial de 14-6-935 a 1957; vereador em Criciúma de 1947 a 1958, ocupando a Presidência da Câmara em 1951; autor do livro "História de Forquilha", editado em 1995. Casou em 12-5-921 com Adélia Arns. (<http://br.groups.yahoo.com/group/imigracaoalema/message/290>).

Durante a sua regência em sala de aula como professor do estado, recebeu a visita do Inspetor Orestes Guimarães, este que se deparou com uma sala de 60 alunos matriculados, dentre esses se encontrava crianças de descendência lituânia, italiana, polonesa e na maior parte alemã, divididas numa mesma sala, encontrava-se 1º, 2º e 3º ano, entre meninos e meninas. Importante ressaltar que “muitas pesquisas apontam que a escola possui mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos” (FINCO, 2003, p. 92).

Após as observações de livros, cadernos, e de perguntas feitas aos alunos e também ao professor Jacó Arns, Orestes Guimarães, escreveu o Termo de Visitas, dando-lhe grandes elogios. Posteriormente a escola passaria a ser uma das motivações principais para que novas famílias viessem se estabelecer na colônia de Forquilha, o que ocorreu entre os anos de 1916 a 1920. (SILVA, 1998).

Nos meses de janeiro e fevereiro, durante as férias escolares no ano de 1917, os professores Jacó Arns e Adolfo Back seguem viagem rumo a Blumenau, figura 1, Jacó iria continuar seus estudos para os exames de nível mais elevado, enquanto Adolfo iria ingressar no curso de formação de professores.



Figura 1: Adolfo Back em seus estudos na cidade de Blumenau  
Fonte: Back, 1995, 99

No caminho a Blumenau pararam em Florianópolis, onde Jacó Arns procurou Orestes Guimarães, este que solicitou a presença do professor em seu gabinete. Chegando lá recebeu uma proposta atraente para deixar sua colônia e ingressar como professor em uma escola na cidade grande, na qual poderia escolher entre Joinville, Blumenau ou Brusque, ainda reforçando a proposta, afirmou

---

que em três anos se tornaria inspetor. (SILVA, 1998).

De acordo com Silva (1998), o professor Jacó recusou a proposta, pois era um homem comprometido com sua gente, e estava sempre a serviço da sua comunidade rural, onde acreditava que os pequenos agricultores da colônia de Forquilha deveriam continuar sempre fiéis ao seu modo de ser se referindo a língua e a religião.

Com o término do mandato do governador Felipe Schmidt e com a nova eleição, cujos candidatos eram Vidal Ramos e Hercílio da Luz, sendo que este último venceu as eleições, ocorreram neste mesmo tempo, havendo disputa política entre João Fernandes, partidário de Hercílio da Luz e Luiz Leite, partidário de Vidal Ramos, sendo a colônia de Forquilha, sua maior parte a favor de Luiz Leite. (SILVA, 1998).

Assim, recomeçando o ano letivo de 1917, “quando houve campanha política contra a oligarquia de João Fernandes e este venceu as eleições, tratou de vingar-se, exigindo do governo do Estado a transferência do professor para bem longe.” (BACK, 1995, p. 15). Neste sentido, o governador do Estado, Hercílio da Luz, removeu Jacó Arns para outro município longe dali, deixando assim de ministrar as aulas na comunidade, e dando espaço para um professor brasileiro assumir o seu lugar.

Como as famílias negaram a entregar as chaves da escola para o novo professor, alegando que o prédio da escola era de propriedade deles, uma vez que foram os próprios colonos que a construíram, este professor teve que assumir sua escola em outro lugar, em uma casinha pequena de madeira perto dali.

Neste mesmo tempo, o professor Jacó, junto de seu irmão Gabriel Arns<sup>6</sup>, foi até Florianópolis, para tentar fazer com que o governador desistisse da sua transferência, mas não conseguindo nada, voltou para Forquilha, momento em que foi exonerado de seu cargo de professor estadual, recebendo a propostas de um salário de 90 réis dos moradores da colônia, a fim de ministrar aulas para seus filhos em uma escola particular. (SILVA, 1998).

A escola estadual foi mantida até o final de 1918, quando as famílias

---

<sup>6</sup> Gabriel Arns, líder comunitário que lutou junto às demais lideranças pela emancipação do município de Criciúma ocorrida em 1925. Foi escolhido para o Conselho Municipal da primeira Câmara Municipal de Criciúma que se instalou em 1º de janeiro de 1926 e permaneceu como conselheiro até 1930. (<http://www.liderancaspoliticas.com.br/fichas/sc/forquilha/prehistoria1.asp?codigo=797>)



alemãs negaram-se a levar seus filhos e em 1919 decidiram abrir uma escola particular. Como não havia impedimento legal, foi preciso criar junto à escola uma associação escolar formada pelos pais dos alunos e a comunidade em geral, com o intuito de garantir a sobrevivência, e o pagamento do salário do professor, denominada agora como escola comunitária, já que a mesma seria mantida e administrada pela comunidade. (BACK, 1995).

Nesta escola da comunidade, que inaugurada no dia 15 de julho de 1919, havia 35 crianças que falavam alemão, para o professor Jacó Arns ficou mais fácil ensinar agora, pois só precisava explicar na língua materna.

Todos os dias eram aplicados as aulas de Alemão, Português e Matemática, duas vezes na semana as crianças recebiam aulas de Ginástica, Canto, Ensino Prático, Caligrafia, História e Geografia. Igualmente o ensino religioso era bastante valorizado, duas vezes por semana, o professor lecionava aulas de História Bíblica e também Catecismo, sendo formadas turmas para primeira comunhão. (SILVA, 1998).

Em Forquilha, o professor, diferente dos professores paroquiais do Rio Grande do Sul não era subordinado à orientação e à autoridade dos padres. “[...] lá os vigários tinham a palavra final, inclusive sobre contratações e demissões dos professores [...]” (KREUTZ, 1991 apud SILVA, 1998, p. 124).

Juntamente com a formação da escola comunitária, foi criado o “Estatuto da União Escolar de Forquilha”, constando uma série de itens que deveriam ser seguidos, inclusive sendo previsto o ensino secundário. (SILVA, 1998), enfatizando assim, a importância dada à educação escolar por parte desses colonos. Em geral, nas escolas estaduais, apenas determinavam três anos de escolarização, enquanto que na escola comunitária de Forquilha se estabeleceu o mínimo de cinco anos, fazendo com a criança permanesse em sala de aula até completar a idade de 12 anos.

Outra questão a ser observada é que contava no estatuto que “[...] os pais, por intermédio dos seus representantes eleitos, têm, por força dos Estatutos, o direito de acompanhar também o processo de ensino-aprendizagem.” (SILVA, 1998, p. 84).

Assim, naquela época, a participação dos pais na escola era algo efetivo na comunidade de Forquilha, uma vez que hoje, esse aspecto é considerado de extrema importância, embora dificilmente ele ultrapasse o nível das intenções.

Mesmo sendo grandes as dificuldades encontradas, por parte do professor Jacó Arns, havia, sobretudo, muita dedicação e grande compromisso com seus alunos. Pois:

[...] na falta de materiais didáticos industrializados, o professor apela para recursos existentes na comunidade. [...] Os desenhos supriam a ausência de mapas. Os cadernos, cuja aquisição para muitos pais representaria uma despesa a pesar no bolso, são, em muitas atividades, substituídos pela lousa – um material, por assim dizer, “renovável”, já que bastava passar uma esponja na sua superfície para torná-la novamente disponível a receber outras escritas. A heterogeneidade da classe numerosa é enfrentada com um planejamento minucioso das aulas de tal forma que, enquanto o professor se estivesse ocupando com um grupo, os outros trabalhassem sozinhos. [...] Há interesse em acompanhar o desempenho de cada criança. Chega a levar para casa, após a aula, crianças que não haviam estudado, liberando-as somente depois que dominam a lição. (SILVA, 1998, p. 74 - 75).

Todo final do ano letivo acontecia na escola comunitária, o “grande exame”, onde toda a colônia estava envolvida, toda a família dos alunos, ou mesmo os que não tinham idade escolar participavam dessa grande confraternização, muitos iam somente para apreciar as canções e poesias apresentadas pelos alunos.

Neste dia especial, “Lehrer Arns”, que quer dizer professor Arns em alemão, como era conhecido, aplicava os exames finais às crianças onde se fazia uma prova oral de todas as matérias principais ensinadas durante o ano. (SILVA, 1998).

Começava-se a prova, pela Religião. As perguntas do Catecismo e as histórias do Antigo e Novo Testamento não só eram recitadas sob controle de grandes e pequenos. Ainda eram esmiuçadas, aplicadas à vida discutidas de forma a instruir a platéia inteira. O público vibrava por vezes, também se escolhia outras, porque os professores, como os antigos profetas, davam a impressão de quebrar ídolos e de chamar feras das matas vizinhas, quando necessário. (SILVA, 1998, p. 90).

A promoção dos alunos ficava a cargo do professor, igualmente a diretoria como consta no Estatuto da escola, composta de um presidente, um secretário, um tesoureiro, e de dois conselheiros além de assistir aos exames finais, participavam como “Comissão de Prova” determinando os itens a serem abordados na prova final. Em seguida era realizada a confraternização servindo alimentos trazidos pelas famílias dos colonos para a grande confraternização. Assim se encerrava o ano letivo desde 1919 até 1936. (SILVA, 1998).

Nos dias de exames finais a escola sempre contava com visitas ilustres, de pessoas não pertencentes à colônia de Forquilha, como no caso de Heribert Hülse, que veio acompanhado de algumas professoras da Escola Complementar. Também dom Paulo Evaristo Arns, entre outros pastores evangélicos e padres. (SILVA, 1998).

De acordo com Silva (1998), esses visitantes, não poupavam elogios sobre a escola, o professor Jacó Arns e sobre a aprendizagem dos alunos, que era admirável. Todos se surpreendiam com a facilidade que o professor tinha em aplicar as aulas, os métodos e o avanço que a cada ano as crianças alcançavam.

No ano de 1921, Adolfo Back foi nomeado, juntamente com Jacó Arns, professor da escola comunitária na colônia de Forquilha, este que já havia estudado durante três anos em Blumenau e realizado seu estágio na mesma cidade. (SILVA, 1998), figura 2 e 3.



Figura 2: Professores Adolfo Back e Jacó Arns (usando Chapéu).  
Fonte: Arns, 1985, p. 135.



Figura 1: Professores Adolfo Back e Jacó Arns com seus alunos em frente a escola na ocasião da visita do cônsul alemão  
Fonte: Arns, 1985, p. 135.

“Lehrer Back”, como a comunidade o chamava, era um homem muito bondoso e bastante querido pelo povo de Forquilha, e desde quando professor Jacó começou a dar aulas, Adolfo Back lhe pediu para que toda noite desse aula para ele pois, queria ser professor também. (SILVA, 1998).

Os dois professores fizeram uma amizade cordial, sendo neste mesmo ano, no dia 12 de maio realizado o casamento de Jacó Arns e Maria Arns e Adolfo Back com a irmã de seu amigo professor, Adélia Arns. Foi o primeiro casamento realizado na recém inaugurada Igreja de Forquilha, figura 4.



Figura 2: Casamento dos professores Jacó Arns e Adolfo Back  
Fonte: Back, 1985, p. 27.

Após as bodas, os dois casais foram morar na casa recém-construída de Jacó, sendo que estes ocuparam a parte superior da casa, enquanto o casal

inquilino Adolfo e Adélia Back moraram provisoriamente na parte inferior. (BACK, 1995).

Enquanto as duas mulheres se revezavam nos serviços domésticos, os dois professores aproveitavam o tempo para estudarem e organizarem os materiais para as aulas do dia seguinte. (SILVA, 1998).

Agora, o planejamento didático era elaborado e discutido em conjunto, ficando Jacó responsável pela turma dos menores e Adolfo Back com a turma dos maiores pois a escola encontrava-se dividida em quatro turmas. Por essa razão a sala foi dividida ao meio.

Assim, os professores no mês de fevereiro, antes do início das aulas “[...] “se reuniam para elaborar um programa de ensino para todo o ano letivo. Para todas as matérias [...] era fixada a tarefa a ser vencida, semana por semana e lançada no livro próprio” (BACK, 1995, p. 16) Igualmente elaboravam um horário para cada classe, que seguiam rigorosamente.

Como o espaço das duas salas de aula já estava se tornando escasso, veio então o pensamento de construir um novo prédio, mais amplo para a escola. A partir dessa decisão os colonos novamente levantaram um prédio de alvenaria, nas dimensões de 11 por 17 metros, esta que foi inaugurado em 1925.

[...] no centro, no sentido de longitude do prédio, duas portas para as estradas; à direita e à esquerda das portas, paredes de tabuas, formado um corredor com vão de dois metros; as tabuas embutidas de modo a serem de fácil colocação e remoção, para, em ocasião de festas, termos um salão disponível; perto das portas de entrada, nas paredes de tábua, as portas que davam entrada do corredor para as salas à direita e à esquerda. Assim, ficamos com duas salas de 7,5 por 11m de espaço, bem iluminadas e arejadas. (BACK, 1995, p. 17).

Em 1935, dez anos após a inauguração, a escola comunitária da colônia de Forquilha já se encontrava com 120 alunos matriculados, sendo alguns destes cursando até o sexto ano. Portanto, não era possível dois professores ministrarem as aulas sem causar prejuízos à educação das crianças, assim fez-se necessário um novo desdobramento na escola. Uma das salas foi dividida ao meio, tornando-se agora três classes disponíveis para três professores lecionarem. (BACK, 1995).

Neste mesmo ano, Padre Paulo Linnartz, a quem ajudou muito os professores, chega de volta à colônia de Forquilha acompanhado por cinco Irmãs

escolares de Nossa Senhora. Estas, posteriormente, assumiriam a escola.

No ano de 1936, com a inauguração da Sociedade União Colonial, o professor Adolfo Back, por ter formação também em contabilidade, foi convocado a gerenciar a nova empresa, cedendo o cargo de professor para uma das Irmãs, esta ministrava as aulas em alemão: Matemática, Religião, Alemão, Ginástica e Canto. Juntamente com as irmã, Olivia e Erna Arns, que posteriormente se tornariam freiras, auxiliavam-na nas aulas, principalmente, no momento das visitas de inspetores. (SILVA, 1998), figura 5.



Figura 3: Sociedade União Colonial  
Fonte: Back, 1995, p. 45.

As outras aulas ministradas em língua portuguesa continuavam sendo lecionadas pelos professores Adolfo Back, que mesmo trabalhando como contador, arrumava um tempo para a escola e Jacó Arns, que também, continuou com a direção da escola. (SILVA, 1998).

A partir de 1937, com o presidente Getúlio Vargas, inicia-se um intenso controle nacionalista sobre as escolas comunitárias com a ditadura do Estado Novo, na qual a censura e as perseguições contra os intelectuais e políticos tomam conta de todo o país.

Por isso, como a campanha tinha o intuito de “abrasileirar” os imigrantes que aqui estavam instalados no Brasil, com a nacionalização do ensino, muitas escolas étnicas comunitárias foram fechadas, devido a preservação e uso da língua materna dos países de origem de cada etnia que aqui já residiam. Nas palavras de Silva (1998, p.149-150):

A partir de 1937, o Estado Novo promoveu a Campanha de Nacionalização de ensino, que visava à assimilação compulsória, por parte da população estrangeira ou de descendentes de imigrantes, da língua e da cultura nacionais. Por decretos, o Governo federal referendados em nível estadual, disciplinava o exercício do magistério, currículos, material didático, mantendo um controle e uma censura rígida em torno de escolas bilíngües ou de escolas estrangeira. Prescrevia o uso obrigatório e exclusivo da língua nacional; proibia uso e circulação de livros, revistas e jornais em língua estrangeira, determinava a comemoração de datas festivas e nacionais e ordenava a estimulação do patriotismo nas escolas.

Em Santa Catarina, o interventor Nereu Ramos publicou um decreto, proibindo lecionar em língua estrangeira, permitindo que lecionassem apenas professores considerados brasileiros natos, caso contrário a escola era fechada.

No caso das disciplinas de Geografia e História do Brasil, que tinha o professor Adolfo Back como responsável, foram assumidas pelas professoras moradoras de Forquilha, Olivia e Erna Arns, que permaneceram na escola até 1942. Em função desta medida, Adolfo Back afasta-se totalmente da escola, assumindo a União Colonial.

Com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, neste mesmo ano de 1942, contra a Alemanha nazista, as inspeções se tornaram mais rígidas e mais freqüentes, principalmente com as escolas étnicas alemãs, pois o governo acreditava que os imigrantes tinham alguma ligação com Hitler. Neste contexto é possível destacar que:

Se já anteriormente havia perseguições localizadas a estrangeiros, com a entrada do Brasil na guerra, em 1942, aquelas se acerbaram. Muitas escolas particulares ou paroquiais mantidas pelas comunidades se transformaram em escolas estaduais. Houve intervenções em associações, agremiações; o controle das reuniões públicas, onde o uso da língua estrangeira era proibido, aumentou. Havia censura às transmissões radiofônicas em língua estrangeira. Tornaram-se comuns as invasões a domicílios, em busca de materiais, prisões e interrogatórios a pessoas consideradas suspeitas pela polícia. Uma onda de destruição de documentos, livros, revistas, principalmente aquelas escritas em alemão e italiano, varreu os Estados brasileiros onde a imigração de populações daquelas duas nacionalidades se fizera presentes. (SILVA, 1998, p. 156).

O mesmo aconteceu com a escola na colônia de Forquilha, mesmo aderido a todas as normas e leis de ensino exigidas pelo governo, com a política nacionalizadora. Portanto, a escola teve suas portas fechadas, como relata Arns (2003, p. 154):

[...] vasculharam todos os livros, armários, gavetas, etc, para ver se achavam algo sobre Hitler. Nada acharam, mas alguns dias depois chegou o inspetor, Bernardo Kestring, e exigiu o fechamento de nossa querida escola particular e nos tivemos que entregar-lhe as chaves da escola. [...]

Neste mesmo momento, a polícia invadiu a casa do professor Jacó Arns, vasculhando materiais que pudessem comprovar o que estes procuravam, neste caso, materiais de campanha nazista. No entanto, o que encontraram na casa do professor, foram apenas livros didáticos tudo escrito em língua alemã. Como não entendiam qual a mensagem que esses materiais traziam, levaram o professor preso até Criciúma e depois até Florianópolis. (SILVA, 1998).

Durante o período de prisão do professor, Jacó Arns, toda a colônia de Forquilha, inclusive a sua família estava tomada pelo medo, de haver outras perseguições, por isso muitos livros foram queimados, Bíblias Sagradas, revistas, entre outros materiais que poderiam de alguma forma comprometê-los. (SANTOS, 2005).

Ainda no ano de 1942, agora sem a participação da comunidade, foi criada a escola mista estadual com o 1º ao 3º ano, utilizando as mesmas instalações. As professoras nomeadas não faziam parte da comunidade e receberam ordem do estado para darem logo continuidade às aulas para que não ocorresse prejuízos quanto à educação das crianças. (BACK, 1995).

Já no ano de 1944, como a escola estadual era composta por apenas três classes, as Irmãs Escolares assumiram inteiramente a direção e criando, então o 4º ano como curso particular, e transferiram a escola para o prédio da congregação. O prédio antigo foi demolido, ou seja, o segundo prédio da escola étnica alemã de Forquilha, construído pelas mãos dos colonos descendentes de alemães. (BACK, 1995).

A escola étnica alemã de Forquilha, em sua trajetória, teve grande êxito, recebendo sempre elogios por quem passava por ela. No próximo capítulo serão apresentados e problematizados as lembranças das ex-alunas que estudaram na escola étnica alemã entre os anos de 1925 a 1929, a partir dos registros obtidos com uso da metodologia da história oral. Estas lembranças remetem para a cultura material escolar que tem um domínio próprio, ou seja, o universo escolar (SOUZA, 2007). t



## 4 LEMBRANÇAS DAS EX-ALUNAS DA ESCOLA ÉTNICA ALEMÃ DE FORQUILHINHA (SC)

Neste último capítulo serão abordadas as lembranças das ex-alunas entrevistadas, a fim de que possamos compreender como se deu o funcionamento da escola étnica alemã, bem como a atuação dos primeiros professores da mesma, nos anos de 1915 a 1940, na colônia alemã de Forquilha/SC.

### 4.1 Identificando as ex-alunas da escola étnica de Forquilha (SC): sujeitos da pesquisa

Como o propósito deste trabalho foi investigar as lembranças de algumas ex-alunas sobre a escola étnica alemã na colônia de Forquilha/SC e de que forma seus primeiros professores são lembrados, se faz necessário apresentar os sujeitos desta pesquisa, a fim de contextualizar suas ligações com educandário.

A primeira ex-aluna entrevistada foi Felícia Michels Steiner<sup>7</sup>, nascida em 23/03/1919, hoje com 93 anos. Felícia nasceu em São Bento Baixo, atual distrito de Nova Veneza. Filha de Rodolfo Michels<sup>8</sup> (descendente alemão) e Verônica Arns<sup>9</sup> (descendente alemã), figura 6.



Figura 6 : Felícia Michels Steiner, aluna da escola no ano de 1925.  
Fonte: Acervo pessoal de Carolina Steiner Sartor

<sup>7</sup> Felícia, Michels Steiner. Entrevista concedida a Carolina Steiner Sartor em 23/10/2010.

<sup>8</sup> Nasceu em 10/04/1890 e Faleceu em 05/01/1972.

<sup>9</sup> Nasceu em 14/12/1894 e Faleceu em 02/12/1969.

Casou-se com Pedro Steiner<sup>10</sup> (descendente alemão), que faleceu de trombose aos 63 anos. Ambos tiveram onze filhos, trinta e cinco netos, trinta e oito bisnetos e um tataraneto.

Seus pais que moravam em Capivari, vieram para São Bento Baixo, onde Felícia nasceu, ali permaneceram por um tempo, até que à pedido de seu tio Gabriel Arns, seu pai comprou um terreno em Forquilha, para que pudessem cuidar de seu avô, pois o mesmo encontrava-se muito doente. Em Forquilha nasceram mais alguns de seus irmãos, totalizando quatorze filhos do casal, sendo sete homens e sete mulheres. Nesta mesma localidade, seus pais administravam uma cervejaria e também uma padaria. Em sua infância, Felícia brincava muito, mas também ajudava nos serviços domésticos e nos serviços da roça junto aos seus irmãos mais velhos.

A segunda ex-aluna entrevistada foi Zita Kulkamp Hoepers<sup>11</sup>, nascida em 27/04/1923, na colônia de Forquilha, onde atualmente se encontra com 89 anos. Filha de Carlos Kulkamp<sup>12</sup> (descendente alemão) e Adelaide Westrup Kulkamp<sup>13</sup> (descendente alemã), figura 7.



Figura 7: Zita Kulkamp Hoepers, aluna da escola no ano de 1929.  
Fonte: Acervo pessoal de Carolina Steiner Sartor

---

<sup>10</sup> Nasceu em 29/07/1911 e Faleceu em 16/08/1974.

<sup>11</sup> Zita Kulkamp Hoepers. Entrevista concedida a Carolina Steiner Sartor em 03/02/2011.

<sup>12</sup> Nasceu em 28/10/1891 e faleceu em 30/10/1980.

<sup>13</sup> Nasceu em 13/02/1893 e faleceu em 27/04/1931.

Casou-se com Aloísio Hoepers<sup>14</sup> (descendente alemão), já falecido, com quem teve onze filhos, vinte netos e dezesseis bisnetos.

Seu pai que nascera em Vargem do Cedro, começou a vida em Forquilha com vinte anos, quando se casou com sua mãe, natural de Capivari. Ao todo o casal teve onze filhos. Moravam em uma casa feita de barro e madeira. Dona Zita começou a freqüentar a escola no ano de 1929, com seis anos. Sua mãe veio a falecer aos 37 anos de idade, no dia que completou 8 anos, em 1931. Posteriormente, seu pai casou-se novamente. Sua segunda esposa era viúva e já tinha quatro filhos do primeiro casamento. Desta nova união nasceram mais seis filhos, totalizando vinte irmãos ao todo.

A terceira e última ex-aluna entrevistada foi Celestina Nuernberg Arns<sup>15</sup>, ela nasceu em 24/06/1919, encontra-se com 92 anos. Nasceu em São Bento Alto, no antigo núcleo de colonos italianos de Nova Veneza. Filha de Augusto Nuernberg<sup>16</sup> (descendente alemão) e Apolônia Back<sup>17</sup> (descendente alemã)<sup>18</sup>, figura 8.



Figura 8: Celestina Nuernberg Arns, aluna da escola no ano de 1925.  
Fonte: Acervo pessoal de Carolina Steiner Sartor

<sup>14</sup> Nasceu em 23/06/1920 e faleceu em 05/10/1999.

<sup>15</sup> Celestina Nuernberg Arns. Entrevista concedida a Carolina Steiner Sartor em 16/04/2011.

<sup>16</sup> Nasceu em 08/01/1894 e faleceu em 23/03/1922.

<sup>17</sup> Nasceu em 17/07/1893 e faleceu em 15/02/1978.

<sup>18</sup> Ambos casaram-se em 08 agosto 1914.

Foi casada com Alfredo Arns<sup>19</sup> (descendente alemão), já falecido, com quem teve quatro filhos, oito netos e sete bisnetos.

Seu pai tinha uma olaria e fabricava pratos e panelas de cerâmica vermelha. Quando vieram morar em Forquilha ela já tinha 6 anos de idade, ou seja, isto se deu em torno de 1925. Logo que chegou começou a freqüentar a escola.

Desde criança teve que trabalhar na roça, plantando mandioca, banana, para ajudar sua família, pois perdeu seu pai muito cedo. Eram em quatro irmãos e todas tinham que trabalhar, posteriormente sua mãe casou-se novamente.

Como podemos observar a infância destas ex-alunas não foi muito fácil, pais que morriam cedo, trabalho na roça e muitos irmão e irmãs. Famílias numerosas significavam mão de obra abundante para uma economia voltada para a subsistência das próprias famílias.

#### **4.2 Descrevendo o espaço escolar da escola étnica alemã**

De acordo com as entrevistadas não houve outra escola antes da escola étnica alemã de Forquilha, no entanto, a mesma não funcionou em um único prédio, há vestígios de que ela tenha funcionado em dois distintos espaços, como relata D. Celestina<sup>20</sup>, a mesma conta que escola por alguns momentos funcionou na Capela de Santa Bárbara<sup>21</sup>, igreja esta construída no interior da colônia por imigrantes italianos, ainda antes dos colonos alemães chegarem nesta região. Ainda é possível que este mesmo local tenha sido utilizado em função da construção do prédio escolar em 1915, localizado posteriormente no centro da pequena colônia de Forquilha, onde mais tarde, 1920, a igreja matriz Sagrado Coração de Jesus foi

---

<sup>19</sup> “Sempre foi atuante nos movimentos da comunidade, tanto nas questões políticas partidárias, quanto na formação de cooperativas e associações. Através da Secretaria da Agricultura conseguiu inúmeros benefícios ao Distrito como sementes, ferramentas e equipamentos, inclusive a primeira trilhadeira, para agilizar a colheita dos agricultores. Iniciou o movimento da emancipação de Forquilha colhendo as assinaturas para dar início ao processo. Segundo Frei Vilson Steiner “Alfredo pensava à frente do seu tempo, por isso nem sempre suas idéias eram compreendidas”. Vereador pelo Município de Criciúma de 1956 à 1961”. (<http://www.liderancaspoliticassc.com.br/fichas/sc/forquilha/prehistoria1.asp?codigo=797>).

<sup>20</sup> Celestina Nuernberg Arns. Entrevista concitada.

<sup>21</sup> A Capela de Santa Barbara foi construída por pioneiros italianos onde as famílias de etnia alemã, recém chegadas a colônia de Forquilha realizavam seus cultos em língua alemã, proibido posteriormente pelo vigário de Nova Veneza. Os descendentes alemães utilizaram esta capela antes de construírem sua própria igreja.

construída pelos colonos, ao lado da escola. Anos depois, no ano 1925 a escola foi derrubada, sendo construída uma maior no mesmo local, devido à necessidade de se atender a grande demanda de alunas.

D. Felícia<sup>22</sup> conta que, tanto o primeiro quanto o segundo prédio escolar, eram de alvenaria e amplos. Ao se referir à escola ela afirma que era “bem grande”, era repartida ao meio formando duas salas. Também havia um grande pátio a sua volta.

Interessante ressaltar que quando indagada sobre o nome da escola diz não ter lembrança, se referiam a mesma como sendo a escola do Jacó Arns, ou seja, do primeiro professor. O mesmo acontece com as outras duas ex-alunas entrevistadas: Felícia Michels Steiner e Zita Kulkamp Hoepers. O nome do professor representa a própria escola, isso nos faz pensar sobre o lugar de centralidade que ocupava o professor, não só na escola, mas na comunidade.

### 4.3 Alunos da escola étnica

No que se refere aos alunos e alunas que frequentavam a escola étnica alemã na colônia de Forquilha, como conta D. Felícia<sup>23</sup> “quem frequentava a escola naquele tempo era bem dizer só alemães. Tinha uns italianos morando aqui em Forquilha, eu acho que eles estudavam.”

Assim reforçando esta fala, podemos observar no relato de D. Zita:

As crianças que iam a escola eram só de Forquilha, só os colonos aqui. Naquela época só se falava em alemão, que toda família só falava em alemão com os filhos, em casa também. Não tinha gente de outras etnias, eu só me lembro uma vez que passou um negro, nas estrada e nos entramos em casa, nos ficamos com tanto medo, nós fechamos toda a casa por medo, porque era um negro, mas nos não conhecia né<sup>24</sup>.

A separação de gêneros na escola ocorria também em outras experiências escolares, pois este procedimento era apenas um reflexo do que acontecia na sociedade.

---

<sup>22</sup> Felícia Michels Steiner, entrevista citada.

<sup>23</sup> Felícia Michels Steiner, entrevista citada.

<sup>24</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

Neste sentido, é possível pressupor que havia um grande número de famílias alemãs na colônia de Forquilha, embora nas palavras da autora Otilia Arns, em sua obra “Criciúma 1880-1980: A Sementes Deu Bons Frutos”, a escola atendia alunos de etnias italianas e brasileiras, uma vez que nesta localidade, antes mesmo dos alemães chegarem, essas terras já eram habitadas por famílias de outras etnias.

A sala de aula era mista, no entanto meninos e meninas sentavam-se separados, como se a sala tivesse uma linha invisível ao meio. Na hora do recreio alunos e alunas não se misturavam, realizavam brincadeiras distintas.

Os meninos e as meninas estudavam juntos mas, os meninos sentavam-se separados das meninas, não era junto não. Um banco de madeira era dos meninos e outro das meninas, nunca foram juntos. Até pra brincar era sempre separado, até no tempo de recreio cada um tinha seu espaço pra brincar.[...] eu tinha só amigas, porque antigamente a gente não podia se misturar com os meninos, eu tinha... tinha a D. Valeria que faleceu agora, tinha Olga Loch, tinha Ludvina Preis, que era esposa do Zeca queijeiro, e Adelina Preis. Nós ficávamos em cinco... sempre juntas, tinha um banco comprido, então nós sentávamos sempre em cinco naquele banco.<sup>25</sup>

Deste modo, é possível perceber que meninos e meninas já demonstram forma de agrupamentos diferenciados uns dos outros, seguindo assim os padrões já estabelecidos pela sociedade, demonstrando comportamentos preferenciais apropriados a cada gênero, como afirma Finco (2003).

Os bancos utilizados na escola, enfileirados, uns atrás dos outros, nos remete a reflexão de uma escola que utiliza o método de ensino tradicional, embora não diferenciando dos padrões de sala de aula encontrados ainda nos dias de hoje.

#### **4.4 Práticas pedagógicas dos professores da escola étnica**

No que se refere à relação professor x aluno, todas as entrevistadas caracterizaram os professores como sendo severos e rígidos. D. Felícia<sup>26</sup> conta que tinha que ser tudo “bem certinho”, mas todos os dois professores brincavam e conversavam com eles, embora afirme ser o professor Jacó Arns o mais severo. D. Zita confirma essa impressão:

<sup>25</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

<sup>26</sup> Felícia Michels Steiner, entrevista citada.

Jacó Arns era assim bem mais sério a gente não podia brincar nem nada, mas Adolfo Back já não era tanto. Mas na escola ninguém podia falar, só quando o professor perguntava, nós respeitávamos, não é como hoje que eles falam assim, nem dão bola para uma professora, isso prejudica os professores. E nós não fizemos isso, isso os professores davam firme em cima. Eu aprendi assim até o 5º ano, só que os professores às vezes eram um pouco bruto... assim quando fazia alguma coisa tinha sempre uma cotia, batia com a própria cotia, os rapazes ganhavam sempre na bunda... mas eu não posso dizer, eu nunca ganhei castigo, e gostava de estudar. A matéria que eu mais gostava era matemática. Mas o que eu não conseguia era aprender português, a gente tinha um livro que tinha um pedacinho em português e a gente devia escrever em alemão, mas agente não sabia falar português, não entendia nada, eu nunca fiz nada, ai eu ganhava castigo, ao meio dia tinha que ficar na casa do Jacó, os outros já iam tudo para casa e a gente ficava para traz, mas foi isso, mas castigo assim de bater em mim, nunca... nunca. Mas tinha alguns que eram preguiçosos mesmo<sup>27</sup>.

D. Celestina<sup>28</sup>, em seu relato, também conta que os dois professores eram bastante severos, no entanto, argumenta que os dois eram bem amigos e andavam sempre juntos conversando e discutindo sobre as questões da escola na hora do recreio.

Em relação às práticas pedagógicas voltadas para o ensino D.Celestina conta que:

Olha... era decorar, saber tudo de cor, e depois as crianças apanhavam muito, iam montes de varas para escola para bater neles, é verdade, eu apanhei na mão. As matérias que eu aprendia, primeiro foi o zero, eu não sabia nada mais, eu só sabia fazer um zero, foi meu primeiro escrever foi um zero, ele ensinou a fazer um zero. E aí foi adiante, um, dois, três, assim, eles ensinavam em alemão e português, cantar também era os dois, mas era mais em alemão. Com as amigas e em casa eu também falava tudo em alemão, e ainda hoje leio tudo em alemão. Olha... que eu me lembro, parece que antes era só em alemão, e quando eu entrei era mais alemão do que em português, a gente escrevia, a gente lia, cantava tudo em alemão<sup>29</sup>.

A partir desta fala, é possível identificar que os alunos da escola étnica alemã, na colônia de Forquilha, aprendiam por meio de “decoreba”, ou seja, era utilizado o método tradicional pelos professores, com o emprego de castigos como forma de punir qualquer erro cometido em sala de aula. Estes procedimentos também faziam parte da experiência escolar de outras etnias em diferentes épocas e espaços.

O ensino bilíngue é confirmado por Otília Arns na obra “Criciúma 1880-1980: A Semente Deu Bons Frutos” (1985, p.130)

<sup>27</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

<sup>28</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada.

Na escola da comunidade ensinava-se as duas línguas, prevalecendo o português nas aulas de história, geografia, cantos cívicos, e o alemão, as aulas de religião e de cantos folclóricos. As duas línguas, a portuguesa e a alemã, eram estudadas sistematicamente, adotando-se para o português os manuais em uso nas escolas católicas editadas pela Editora Vozes de Petrópolis, pois ambos os professores Jacó Arns e Adolfo Back, formados no colégio franciscano de Blumenau adotavam a didática, currículos e os manuais daquela escola.

Portanto, a língua alemã era usada em casa pelos imigrantes e nas colônias para a manutenção dos valores étnicos, uma vez que a língua portuguesa era indispensável para os contatos com a população brasileira, entre outros contatos realizados fora da colônia.

Sobre as disciplinas e conteúdos ensinados na escola étnica alemã, D. Zita<sup>30</sup> relembra:

Foi assim, eu não posso dizer nem o português, foi *vergangen*, *gegenwärtig* e *bevorstehend*, hoje eles dizem tudo em português, o presente, passado e futuro, eu não sei como explicar isso... foi primeiro, o futuro, que vem...E também... eu sou, tu és, assim né, isso a gente aprendia muito. O que mais a gente aprendia era que nós tínhamos que respeitar os adultos. Quando passava um adulto deveríamos sempre cumprimentar. Eu tenho até hoje assim, esse costume. E a matemática nos tínhamos... mas matemática não é como hoje em dia tudo com letras e letras, mas era matemática de cabeça, eu gostava muito mais de fazer matemática na cabeça do que escrito... Eu já fui em lojas, comprei coisas pequenas perguntei o preço, daí comprei em metros, aí eu já fiz a conta na cabeça, depois eu perguntei quanto era, eles pegaram a calculadora, e tic tic e tic tic, e por fim tinha posto muito mais do que era. Eu não falei nada, mas eu faço sempre na cabeça, toda minha conta que eu faço até hoje, meus pagamentos, e tudo, é tudo na cabeça e nunca escrito. História e Geografia nos tínhamos também, História sobre o Brasil, mas não assim de outros países que eu não me lembro... mas assim aqui no Brasil foi muito. E aprendíamos tudo em alemão, não era nada em português. Não tinha aula dada em português... isso era para ser a aula em português, mas pra nós... eu não sabia... aquelas pessoas que já sabiam é porque, muitos tinham agregados na terra, então aqueles que falavam em português foi porque aprenderam, aqueles podiam fazer, mas nos não tínhamos...Nós tínhamos aula de religião também e muito do boa ainda...e catequese... o padre Linhartz que veio da Alemanha, ele deu para nós catequese, quando eu estava no 4º ano, 4º e 5º ano, e quando eu fiz a primeira comunhão, aí o Adolfo Back deu catequese, depois veio o Frei Alberto Preis, mas uma semana ele deu catequese para nós, daí era tudo oral, as perguntas assim era tudo oral, nos tínhamos o catecismo, mas tudo com perguntas e agente tinha que saber tudo de cor, assim que nós tínhamos. Era durante a escola nas aulas, foi sempre também um horário de catequese, não era aos sábados.

---

<sup>29</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada

<sup>30</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.



Sobre as palavras da entrevistada, vale fazer uma observação quando a mesma faz menção ao que aprendia na escola, sobre as aulas de Matemática, na qual era tudo decorado e, na maioria das vezes, faziam contas mentalmente, outro detalhe a ser ressaltado é que os professores ensinavam na escola o respeito aos mais velhos, isso nos remete para a ideia de que o professor era considerado uma autoridade, mesmo que essa condição tenha sido alcançada de forma autoritária.

Em relação à catequese, ainda mencionada por D. Zita<sup>31</sup> que a mesma ocorria durante as próprias aulas, e o próprio professor a ministrava. É possível perceber a importância da religião Católica, predominante entre imigrantes alemães da colônia de Forquilha. Vale ressaltar que as aulas de religião eram consideradas aulas de catequese, sendo formadas até turmas para a primeira comunhão, como foi citado no capítulo anterior.

Sobre as aulas de religião D. Felícia<sup>32</sup> conta um pouco diferente, em suas lembranças, as mesmas aconteciam aos sábados, eles faziam orações e cantavam.

As ex-alunas entrevistadas contam que todas estudavam na escola em período matutino, como conta D. Zita<sup>33</sup>:

Eu tinha seis anos, eu nasci em 23, então foi em 29...E eu estudava só de manhã. Eu ia a pé... e às vezes tinha lama na estrada, que tinha lavar primeiro os pés lá no riozinho, uma baixada ali que sempre tinha água, a gente lavava os pés ali... descalços, nos nunca tinha nada nos pés, era frio no inverno e a gente não usava nada... éramos como índios .

Assim, observando as falas da entrevistada é bem provável que não só a sua família, mas a maioria das famílias colonizadoras de Forquilha viviam em condições materiais precárias, pois a mesma relata não possuir calçado para ir à escola. As únicas fontes de renda eram advindas da comercialização de carnes e produtos agrícolas vendidos no município de Nova Veneza. (BACK, 1995).

Ainda no que se refere ao período estudado na escola, D. Celestina<sup>34</sup> lembra que à tarde outros alunos também estudavam. Isso remete para uma das afirmações de Arns no livro “Criciúma 1880-1980: A semente deu bons frutos” (1985, p. 134): “[...] as crianças de origem alemã recebiam, depois do término das aulas oficiais, aulas de língua alemã”.

---

<sup>31</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

<sup>32</sup> Felícia Michels Steiner, entrevista citada.

<sup>33</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

<sup>34</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada.

#### 4.5 A cultura material escolar da escola étnica alemã

Quanto ao material utilizado pelos alunos à época na escola, D. Felícia<sup>35</sup> aponta a lousa, cada criança utilizava a sua individualmente, e para escrever utilizavam o giz, posteriormente levavam para casa para fazer os deveres. Já quanto à utilização de livros e mesma não se recorda. Sobre este aspecto D. Zita<sup>36</sup> que estudou alguns anos mais tarde relata:

Eu tinha um livro em alemão e tinha um caderno para fazer caligrafia, e outro para fazer exercícios de matemática, chegava lá nós tinhamos esse quadro negro [lousa], e cada um tinha o seu, a gente devia fazer os deveres em cima do quadro negro e no outro dia o professor olhava. Aí nós trazíamos para casa e fazia em casa e levava para mostrar pro professor, e depois a gente podia apagar e no outro dia a gente ganhava um outro serviço para fazer e assim ficava pronto, não gastava muito... com giz a gente escrevia...ele era comprido assim, que nem um lápis hoje.

Igualmente, D. Celestina<sup>37</sup> faz menção aos materiais que utilizava na época em que estudou na escola:

O material que eu usava na escola era uma lousa pequeninha, ali agente escrevia com lápis de lousa também, e depois já vinha também o lápis, mas na época era primeiro a lousa que eu escrevia em cima também escrevia à mão. Nós não tínhamos cadernos, e os livros só depois nós usamos, já os professores usavam os dois.

É importante aqui trazer, a partir das lembranças de D. Celestina<sup>38</sup>, a discussão sobre a cultura escolar, pois diz respeito a um domínio próprio, isto é:

[...] o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado (...) mas remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos [...] dessa forma, o mundo dos objetos tem entrado em cena [...] para a interpretação histórica voltada para o estudo das representações e das práticas escolares. (SOUZA, 2007, p.170).

Neste sentido, é possível supor que os alunos não utilizavam cadernos nem livros, por serem muito caros à época, tornando assim a lousa a forma mais

<sup>35</sup> Felícia Michels Steiner, entrevista citada.

<sup>36</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

<sup>37</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada.

<sup>38</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada.

barata e acessível às famílias. Somente os professores utilizavam materiais didáticos e livros, bem como jornais publicados.

Em relação aos livros utilizados em sala de aula estes eram escritos em língua alemã e mais tarde, com a explosão de Segunda Guerra Mundial, por conta da posição do Brasil contrária à Alemanha, muitos materiais impressos em língua estrangeira, e principalmente alemã foram perdidos, queimados ou até mesmo escondidos. Como aconteceu com o material didático do professor Jacó Arns, que foi apreendido, devido às perseguições, como conforme o que foi tratado no capítulo anterior deste trabalho.

Sobre a utilização do uniforme, todas as entrevistadas afirmaram não fazerem uso, elas iam para a escola com a mesma roupa que utilizavam em casa.

D. Zita<sup>39</sup> expõe que nas datas cívicas comemoravam a Proclamação da República, cantando o Hino à Pátria, Hino Nacional.

No que diz respeito aos momentos das “provas finais” chama a atenção o envolvimento das famílias e o clima festivo no ambiente escolar. D. Celestina conta que:

Acontecia assim, fim de ano, aí os pais dos alunos se juntavam e faziam uma panela de comida, café, e doces, bolos e faziam tudo atrás da rua da escola. E ali faziam as comidas e os pais vinham todos na prova, os pais vinham na prova e então os pais faziam comida até meio dia, então a tarde soltava, então o professor fazia as perguntas e a gente tinha que responder. O conteúdo era tudo o ano inteiro, era feito esses exames uma vez por ano, a minha mãe que entrava sempre entrava para fazer doces, assim sempre na escola, nos fundos da escolas, eles faziam comida para todas as crianças, aí tinha jogos, nos tinha a hora do recreio e as mães fazendo a comida, era muito bom. Quem respondia as respostas certas ganhava, passava de ano, quem não passava ficava no segundo...tinha gente que reprovava, isso eu não sei muito bem... mas tinha...tinha, eu passei em todas<sup>40</sup>.

D. Zita<sup>41</sup> também descreve como aconteciam os dias de prova, no fim do ano letivo na escola étnica alemã de Forquilha:

---

<sup>39</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

<sup>40</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada.

<sup>41</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

Olha... eles escreveram no quadro negro... as perguntas... e a gente tinha que responder... no quadro negro, ou se era prova agente também fazia um tempo no caderno, um caderno de caligrafia, aí eles deram um visto, e deram um nome era as notas *gut*, quer dizer que ta bom, *sehr gut* é muito bom, e *fast gut* é quase bom, assim nos ganhamos as notas... os pais foram lá quando terminou para ver o que as crianças sabiam, daí eles fizeram uma festa, uma festa na escola, aí todo mundo comia lá o dia todo né, mas o pessoal, os colonos levavam a comida, então só as mulheres preparavam ali, e todo mundo comia, os pais, as crianças. Isso foi quando terminou a escola. Foi feito assim...

No que se refere aos dias de avaliação, ou dos exames finais como eram mencionados à época, as provas de modo geral eram realizadas de forma oral, considerando então um traço forte de escola tradicional. No entanto, é importante frisar que nestes dias que deveriam ser acompanhados de certa tensão, esta era amenizada ou contrabalanceada pelo clima festivo, realizado pelos professores, alunos e, principalmente, pela participação dos pais e da comunidade em geral.

#### **4.6 Inspeção Escolar e Fechamento da Escola Étnica Alemã de Forquilha**

Antes da Campanha de Nacionalização do ensino deflagrada pelo Estado Novo, Santa Catarina implementou sua campanha de nacionalização tendo como um dos principais protagonistas Orestes Guimarães. Mas, foi com a reforma educacional do Estado Novo (1937-1945) que este processo se intensificou, somado à Segunda Guerra Mundial, ocorrendo o fechamento da escola étnica alemã. D. Celestina<sup>42</sup> lembra da prisão do professor, devido às perseguições aos imigrantes alemães.

No entanto, até os dias de hoje as ex-alunas não tem clareza dos reais motivos que provocaram o fechamento da escola. D. Felícia assim se manifesta: “acho que foi gente de Criciúma que era contra a Alemanha, que vieram e fecharam, eu não lembro mais”<sup>43</sup>.

“Gente de Criciúma” faz pensar sobre o possível isolamento do núcleo de alemães de Forquilha, mesmo pertencente a Criciúma, grande parte da população dos arredores era italiana. Também faz pensar sobre os conflitos étnicos gerados, principalmente em função dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial.

<sup>42</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada.

<sup>43</sup> Felícia Michels Steiner, entrevista citada.

É importante destacar o processo de interdição da língua vivenciado pelos alemães. D. Zita relata sua experiência:

Foi quando a D.Carolina e a D. Iolanda vieram aqui... Eu não sei bem como aconteceu... Isso eu não sei, eu só sei que depois veio a guerra aí tudo alemão era proibido no Brasil né, aí pegaram o Jacó Arns e mais alguns homens aqui de Forquilha, botaram preso e daí as famílias ficaram com medo e a escola ficou fechada daí, depois veio a dona Iolanda, que eu me lembro foi assim eu não tenho certeza... As famílias ficaram tudo com medo e daí começaram a falar tudo em português com os filhos, e foi assim que a língua alemã foi se perdendo, mas olha, em casa a gente falava em alemão. Eu não sabia falar em português. Para falar a verdade... eu fui aprender falar em português eu já tinha 60 anos, eu... é que foi assim... a gente às vezes falava, mas eu entendia mas não falava, porque meu marido ria de mim, quando eu falava errado... Em vez de corrigir né... Daí o meu filho mais novo, ele já estava estudando lá na SATC, aí ele sempre corrigia quando eu falava errado, aí ele disse assim pra mim um dia... Mãe lê livros em português, e as palavras que a mãe não entende, escreve num caderno, eu vou comprar um dicionário e a mãe vai aprender a falar em português. Foi assim que eu aprendi... porque antes eu não sabia.<sup>44</sup>

No que diz respeito às lembranças de D. Zita, é importante destacar a resistência que ocorreu para preservar a língua alemã, pois ela vai aprender a língua portuguesa somente aos 60 anos de idade. Mesmo com o processo de nacionalização do ensino e as perseguições sobre os imigrantes alemães, durante muito tempo a língua alemã continuou sendo preservada na colônia de Forquilha, de forma mais camuflada, utilizada apenas dentro dos lares ou em lugares fechados.

Contudo, é possível observar que as lembranças sobre o fechamento da escola, nas falas das ex-alunas entrevistadas, não dizem respeito às perseguições aos colonos de origem alemã e à interdição da língua, mas ao “afastamento” do professores Jacó Arns e Adolfo Back da docência como algo voluntário. O primeiro teve que ir para o Rio Grande do Sul recomeçar sua vida e o segundo assumiu outras funções, ou seja, o cargo de contador na sociedade União Colonial.<sup>45</sup>

O depoimento de D. Celestina confirma esta forma de compreender tal situação:

O que eu me lembro e sei sobre o fechamento da escola é que o professor Jacó desistiu, mudou para o Rio Grande do Sul, e o tio Adolfo, saiu, ele entrou na sociedade, daí entraram as freiras... mas quando a primeira freira entrou eu já tinha saído da escola.<sup>46</sup>

<sup>44</sup> Zita Kulkamp Hoepers, entrevista citada.

<sup>45</sup> Cooperativa fundada no ano de 1945, pelos colonos de Forquilha, com o intuito de melhorar a crise econômica da colônia, nela se encontrava a fábrica de laticínios.

<sup>46</sup> Celestina Nuernberg Arns, entrevista citada.

Como já mencionado no capítulo anterior, no momento em que as irmãs escolares assumiram a escola e, posteriormente, construíram um novo prédio escolar junto a sua residência, a escola dos professores Jacó Arns e Adolfo Back foi fechada e demolida, ficando agora somente nas lembranças das ex-alunas que passaram por ela.

## 5 CONCLUSÃO

Para os imigrantes alemães a escola étnica era vista como uma das formas mais eficazes para combater a decadência cultural e religiosa e por isso mantinha suas próprias escolas, professores e produziam materiais didáticos específicos. No entanto, por meio deste trabalho, foi possível constatar as dificuldades encontradas não só pelos moradores do núcleo de alemães de Forquilha, mas sim por toda a colonização alemã no estado de Santa Catarina para manter vivas as suas raízes.

Esta dificuldade se agravou em virtude da campanha de nacionalização do ensino promovida pelo Estado Novo (1935-1945) de Getúlio Vargas e pelo governador Nereu Ramos, que implantou tal política em todo o estado. O objetivo era o de educar os catarinenses para constituí-los como cidadãos disciplinados. Neste contexto, a escolarização passou a ser o elemento importante de fortalecimento do sentimento de nação. Medidas drásticas foram tomadas, resultando na interdição do ensino da língua e da cultura alemã.

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra a Alemanha intensificou este processo. Em 1942 as inspeções passaram a ser mais rígidas e com maior frequência, uma vez que havia a suspeita de estes tinham ligações com Hitler. A prisão do professor Jacó Arns foi um ato que simbolizou a intensidade deste processo. Os familiares e a comunidade foram tomados pelo medo, levando-os a destruição de muitos livros, revistas entre outros escritos

A partir das lembranças das três ex-alunas que participaram da pesquisa, foi possível perceber o lugar de centralidade que o professor ocupava na comunidade e, além disso, fica evidente que as práticas pedagógicas implementadas pelos professores pautavam-se nos moldes tradicionais. A severidade e a rigidez marcaram profundamente as lembranças escolares destas alunas, mas também o lado amigável dos professores. Mesmo num ambiente disciplinador, algo chama a atenção, ou seja, o dia da prova final. O clima de tensão era amenizado com o clima festivo, com a participação dos professores e toda a comunidade escolar.

Mesmo com o processo de interdição da língua, houve resistência dos imigrantes e seus filhos e filhas, um exemplo disso foi o caso de D. Zita, pois ela, mesmo vivenciando todo este processo vai aprender a língua portuguesa somente

aos 60 anos de idade. O fechamento da escola não foi algo muito bem compreendido pelas ex-alunas e o afastamento dos professores é interpretado como um ato voluntário e não obrigatório.



## REFERÊNCIAS

ARNS, Otília. **Forquilha 1912-2002: História e regate da memória dos nossos antepassados**. Forquilha: IOESC, 2003.

BACK, Adolfo. **100 Anos de História de Forquilha**. Criciúma: Editorial, 1995.

BOSI, Ecléa, **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**, 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CAMPOS, Cynthia Machado. As intervenções do estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na Era Vargas. In: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras, 2004. p. 149-166.

COSTA, Marli de Oliveira et al. **Escola Casemiro Stachurski: das aulas particulares/ comunitárias ao ensino público municipal**. Criciúma: UNESC, 2005. 110 p.

CRICIÚMA 1880 - 1980: a semente deu bons frutos. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1985.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003. p. 89-101.

KREUTZ, Lucio. Educação de Imigrantes no Brasil. In: **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

\_\_\_\_\_. Escolas étnicas na história de educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: Maria Stephanou, Maria Helena Camara Bastos. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006, v. 2, p. 150-165.

\_\_\_\_\_. **Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instancias de coordenação e estruturas de apoio**.

Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbdigital/RBDE15/RBDE15\\_11\\_LUCIO\\_KREUTZ.pdf](http://www.anped.org.br/rbdigital/RBDE15/RBDE15_11_LUCIO_KREUTZ.pdf)>. Acesso em 10 mar. 2011.

LIDERANÇAS políticas. **Gabriel Arns**. Disponível em:

<<http://www.liderancaspoliticas.com.br/fichas/sc/forquilha/prehistoria1.asp?codigo=797>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

LOURENÇO, Leila. Lembranças, registros e percepções do processo de ensino e aprendizagem. In: RABELO, Giani et al. **Escola Casemiro Starchurski: das aulas particulares/comunitárias ao ensino público municipal**. Criciúma: UNESC, 2005. p. 37-53.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MICHELS, Pe. Evair Heerdt. **1828 – 2008: 180 anos da Família Michels no Brasil**. São Martinho: Gráfica Murialdo, 2008. 456 p.

MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do Ensino: uma contribuição à história da educação**. Florianópolis: UFSC, 1984.

NASCIMENTO, Dorval. Nacionalização do ensino catarinense na Primeira República (1911-1920) **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 21, 218 p., set.-dez. 2009.

RABELO, Giani. Vozes e vidas de professores e professoras. In: \_\_\_\_\_ et al. **Escola Casemiro Starchurski: das aulas particulares/comunitárias ao ensino público municipal**. Criciúma: UNESC, 2005. p. 55-80.

RAMBO, Arthur Blásio. O teuto-brasileiro e sua identidade. In: FIORI, Neide Almeida (Org.) **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2003. p. 63-92.

SANTOS, A. V.; FERREIRA, N. S. C. A inspeção escolar e a nacionalização no Estado Novo: políticas e práticas pedagógicas nas escolas primárias. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2006, Goiânia. IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Campinas : Autores Associados, 2006. v. 1. p. 1-12.

SANTOS, Isabela Niehues dos. **Historia, Memória e medo em Forquilha nas Décadas de 1930 – 1940**. 2005. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

SEYFERTH, Giralda. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida (Org.) **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2003, p. 21-61.

SILVA, Walburga Arns. **Saga de Uma Família Teuto-Brasileira: Lehrer Arns**. Registro e vida de um professor de colônia. São Leopoldo: Unisinos, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima. **História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial**. IN: Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos/ Marcus Levy Albino Bencostta, (organizador). SP: Cortez Editores, 2007.

## ENTREVISTAS:

Celestina Nuernberg Arns, ex-aluna da escola étnica Alemã de Forquilha, São Bento Alto, Nova Veneza (SC), nasceu em 24/06/1919. Filha de Augusto Nuernberg e Apolonia Back. Entrevista Concedida a Carolina Steiner Sartor. Forquilha, 16/04/2011.

Felicia Michels Steiner, ex-aluna da escola étnica Alemã de Forquilha, nasceu em São Bento Baixo, Nova Veneza (SC), em 23/03/1919. Filha de Rodolfo Michels e Veronica Arns. Entrevista Concedida a Carolina Steiner Sartor. Forquilha, 23/10/2010.

Zita Kulkamp Hoepers, ex-aluna da escola étnica Alemã de Forquilha, nasceu em Forquilha (SC), em 27/04/1923. Filha de Carlos Kulkamp e Adelaide Westrup Kulkamp. Entrevista Concedida a Carolina Steiner Sartor. Forquilha, 03/02/2011.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA

NOME:  
DATA DE NASCIMENTO:  
LOCAL:  
PAI:  
MÃE:  
CÔNJUGE:  
DATA DE NASCIMENTO DO CONJUGE:  
FILHOS:  
NETOS:  
BISNETOS:  
TATARANETOS:  
DATA DA ENTREVISTA:  
LOCAL:  
TÍTULO DO PROJETO:

- Conte como era sua família (irmãos, profissão pai e mãe)
- Quando e como chegaram até Forquilha?
- Conte como foi sua infância.
- Qual foi a primeira escola do município?
- Em que escola estudou?
- Onde estava situada? Como chegava até lá?
- Ela tinha nome? Qual era?
- Como era o espaço físico dessa escola?
- Quem frequentava essa escola? (nomes)
- Tinham meninas e meninas? Como eram as brincadeiras na escola?
- Quem foram seus primeiros professores?
- Como era a relação entre professor e aluno?
- Quais eram as matérias/conteúdos que vocês aprendiam em sala de aula?
- lembra-se de alguma música ou lição?
  
- Que tipo de material (livros, cadernos...) eram utilizados nessa época? Cada um tinha o seu? Todos tinham caderno, pastas etc?

- Era exigido uniforme?
- quais os festejos cívicos que aconteciam?
- Você tem guardado algum desses materiais?
- Os professores aplicavam provas? Como eram essas provas?
- Vocês estudavam só meio período? Qual?
- Os professores só ensinavam em alemão ou também em português?
- Existia inspetor? Quem era?
- Como eram pagos os salários dos professores?
- Você lembra de seus amigos na escola?
- Lembra do fechamento da escola?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE PEDAGOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título as práticas pedagógicas dos primeiros professores da escola étnica alemã de Forquilha/SC (1915 a 1940), será elaborado o Trabalho de Conclusão de Curso, a partir de entrevista com ex-alunos e alunas que estudaram na escola étnica alemã de Forquilha nos primeiros anos de funcionamento, ou seja, 1915 a 1940, coletando assim, dados e informações a cerca da experiência destes sujeitos em relação as práticas pedagógicas dos professores Jacó Arns e Adolfo Back.

Os dados e resultados individuais da pesquisa serão identificados na pesquisa, sendo que seus nomes serão mencionados, não havendo riscos ou prejuízos à pessoa entrevistada.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é a acadêmica Carolina Steiner Sartor. Os envolvidos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (048) 3463 – 1043.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu \_\_\_\_\_,

Identidade n.º \_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), desenvolvida pela acadêmica Carolina Steiner Sartor, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desta acadêmica da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

( ) Solicito que seja resguardada minha identificação \_\_\_\_\_.

( ) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida \_\_\_\_\_.  
Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Forquilha, 16 de Abril de 2011.

---

Participante da Pesquisa

---

Pesquisador/a

Carolina Steiner Sartor – Fone: (48) 3463 – 1043.